



Medicina humanizada

O estudante Lucas Wollmann (à frente) e o médico Sati Mahmoud (atrás) integram a equipe do Internato em Saúde de Família e Comunidade da Faculdade de Medicina da UFRGS, fazendo atendimento domiciliar a pacientes que residem nas proximidades da Unidade Básica de Saúde do bairro Santa Cecília em Porto Alegre. Segundo o professor Odalci Pustai, que coordenou a criação do internato há 11 anos, a relação médico-paciente deve ser compreensiva, na perspectiva da humanização da Medicina. **P7**



ENEM

Exame tende a unificar currículos

Especialistas afirmam que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), hoje adotado por 55 universidades federais, é um concurso e não uma avaliação. O professor Juca Gil, da Faculdade de Educação da UFRGS, acha que questões fundamentais, como as particularidades regionais e o contexto social dos alunos, ficam de lado. Além do mais, não haveria como comparar o desempenho de alunos de realidades sociais distintas. Já Alexandre Soares, da Secretaria de Educação do RS, diz que o exame não serve para avaliar a qualidade da educação nas escolas, mas sim a dos alunos. Por outro lado, o MEC critica a influência que os vestibulares das federais têm sobre os currículos de ensino médio de suas regiões. **P5**

MARIO VARGAS LLOSA

Um Nobel latino-americano

O escritor peruano, que participou do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento em 14 de outubro, disse acreditar que a literatura atua sobre a realidade de uma maneira lenta e indireta pela consciência e pela sensibilidade das pessoas. "Ela provoca na sociedade uma espécie de mal-estar frente ao mundo tal como ele é, de que sempre resulta uma atitude crítica frente a todos os aspectos da realidade", afirmou. Segundo Vargas Llosa, é por esse motivo que os governos autoritários impõem restrições e censura a obras literárias, pois enxergam a literatura como um perigo. **P10**

PESQUISA COM CÉLULAS-TRONCO

Potencial terapêutico limitado

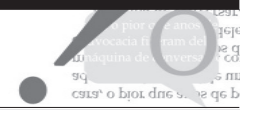
Antonio Carlos Campos de Carvalho, pesquisador da UFRJ e ministrante da aula magna no Salão de Atos da Universidade, revelou que os tratamentos atualmente em teste no país utilizam uma mistura de células na qual o percentual de células-tronco não chega a 2%. Isso porque o processamento dessa solução é bastante simples, rápido e barato, sendo, portanto, o que mais interessaria ao Sistema Único de Saúde (SUS). O professor também ressaltou que é preciso controlar expectativas, pois as células-tronco têm sido tratadas por vezes como uma espécie de milagre da ciência. **P11**

GRADUAÇÃO

Universidade com o pé na estrada

A reportagem do JU acompanhou uma saída de campo da disciplina de Manejo e Conservação, comum aos cursos de Engenharia Ambiental e Biologia. Ao longo de um final de semana, o professor Paulo Brack (à esquerda na foto) liderou um grupo de estudantes que visitou propriedades rurais e áreas de preservação situadas no Litoral Norte do estado. As viagens acadêmicas fazem parte da rotina de vários cursos, principalmente Biologia, Agronomia e Geologia. Nessas áreas do conhecimento, o melhor laboratório é o campo. A disciplina de Manejo e Conservação foi criada em 2004 para capacitar os futuros profissionais a emitirem laudos ambientais sobre o uso da terra. **Página Central**





Espaço da Reitoria

Rui Oppermann
Vice-reitor

Reconhecimento aos servidores

Ao comemorarmos o Dia do Servidor Público, em 28 de outubro, estamos prestando homenagem e reconhecimento ao trabalho de um número significativo de cidadãos que dedicam suas vidas a permitir que o Estado cumpra suas obrigações, prestando à sociedade serviços essenciais, estratégicos e fundamentais. Para poder atender a essas expectativas, o Estado depende fundamentalmente do seu quadro de servidores públicos, que, por sua vez, necessita não só de condições adequadas de trabalho como também de garantias de uma vida digna para si e para seus familiares.

No âmbito do Sistema Federal de Ensino Superior, temos vivido momentos de renovação e expansão, verdadeiros alentos às universidades, que por décadas assistiram à significativa redução de seus quadros. Atualmente, somente na UFRGS, já foram contratados 390 novos docentes e 458 novos técnicos. Esses novos colegas

são muito bem-vindos a uma universidade de excelência, socialmente comprometida e internacionalmente reconhecida. Trabalhar na UFRGS é motivo de orgulho para todos nós, pelo que ela representa para a comunidade e pelo ambiente republicano e democrático que estamos construindo. Temos a consciência exata de que vivemos nossas vidas na UFRGS, a ela dedicamos nossos melhores anos e nela temos a certeza de que nossos direitos de servidores públicos são garantidos.

Nesse dia dedicado ao Servidor Público temos ainda a comemorar duas recentes conquistas: a UFRGS, pela primeira vez em sua história, conta com um plano de saúde contratado a partir de uma licitação, o qual busca oferecer aos membros da comunidade importante cobertura de serviços e atenção à saúde, com a possibilidade de ressarcimento dessa despesa pelo Governo Federal. A segunda boa notícia, pleito defendido pelos sindicatos e pela administração central junto

ao Governo Federal, é a decisão de que mesmo aqueles que não tenham aderido ao Plano de Saúde contratado poderão obter o ressarcimento de despesas com planos de saúde alternativos. Evidentemente, a agenda de melhorias que temos para dignificação do nosso trabalho não se esgota no direito à saúde. A atual administração da Universidade tem sido parceira na busca de políticas de carreira, no estabelecimento de programas de qualificação e capacitação, e na luta por políticas salariais adequadas aos novos tempos e às novas responsabilidades que estamos assumindo nesse processo de expansão. E assim continuaremos, pois a grandeza da UFRGS é o resultado do trabalho e da dedicação de seus trabalhadores.

Parabéns a todos os servidores, ativos e aposentados, pela passagem do Dia do Servidor Público, data que homenageia o nosso trabalho diário, as nossas carreiras e as nossas vidas.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecke Rosing, Cesar Zen Vasconcellos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ania Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Cadinho Andrade, Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas
Diego Mandarino, Fernando Costa, João Flores da Cunha, Mariana Sirena e Marlina Morsch
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Teatro Araújo Vianna

Li com atenção a reportagem sobre o Teatro da OSPA e também me pergunto a respeito de outro espaço cultural da nossa cidade, também anexo ao Câmpus Centro da UFRGS, o nosso parque da Redenção. E pergunto: e as obras do Teatro Araújo Viana???

Newton Bittencourt dos Santos, licenciado pela UFRGS em Educação Física em 1988

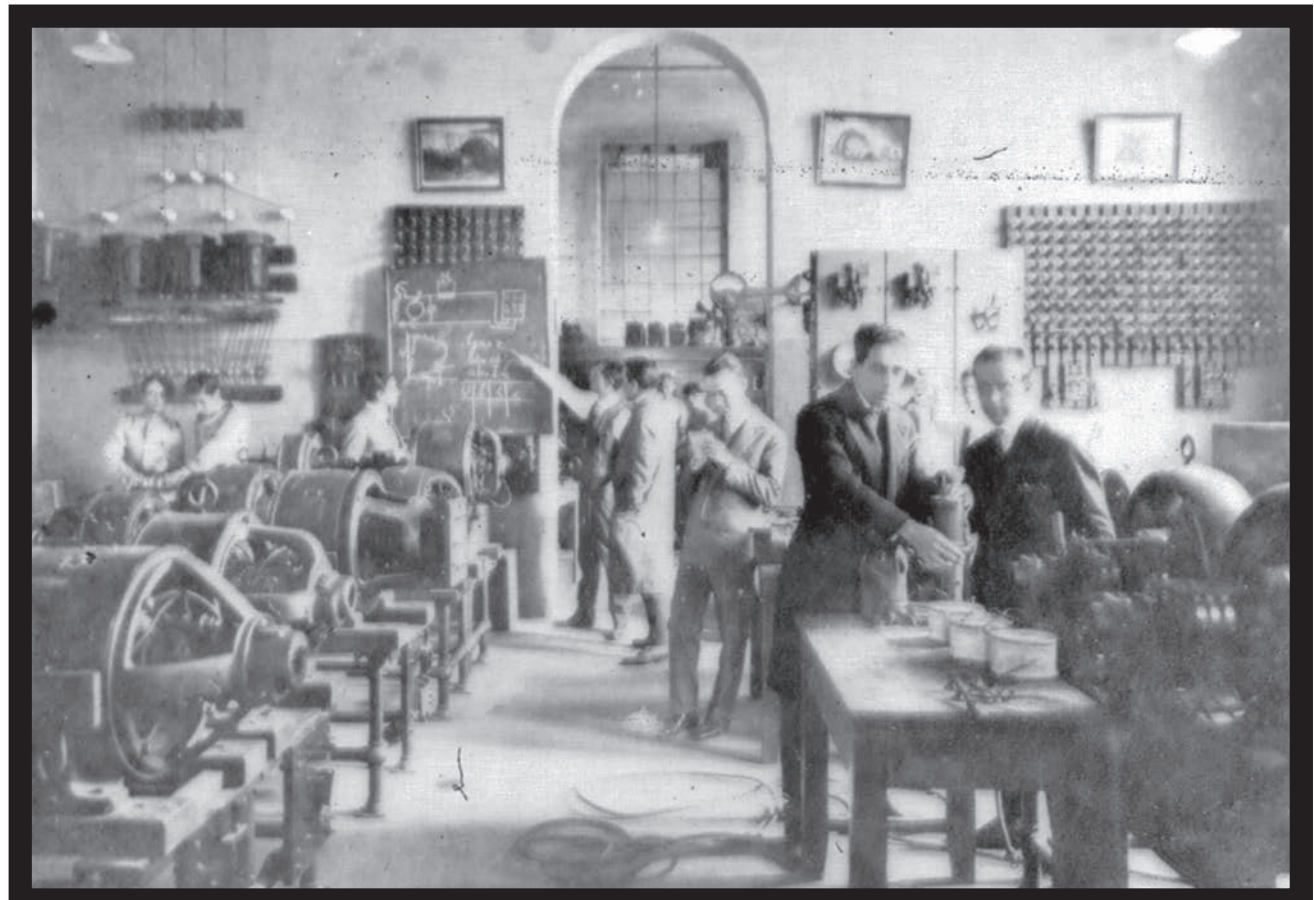
Correções no Perfil

Aproveito a oportunidade para elogiar o poder de síntese e a correta interpretação de "quase" toda a minha fala. Existem, no corpo do texto [do Perfil publicado na edição de setembro do JU], alguns equívocos que comprometem um pouco a história das pessoas: o professor Waldir Echart foi, na realidade, quem me convidou/indicou para o cargo na Sogipa, porém não foi meu colega, e sim meu professor. Quem eu substituí, e que havia sido meu colega de curso (ESEF) e campeão estadual pelo clube, foi Edson Rezesnick. O motivo dessa correção deve-se apenas à vontade de fazer justiça a duas pessoas igualmente importantes em minha trajetória esportiva. Também retificaria um pouco a parte final do texto que, ao referir-se ao esporte competitivo, o faz de modo definitivo, tratando as relações apenas pelo lado negativo. Realmente, falei que fiz algumas inimizades quando procurava levar vantagem no placar (algumas dessas situações são citadas na matéria). Entretanto, não foi só por isso que ganhei, tampouco acredito que todos assim o façam. Enfim, penso que o resultado de nossa empreitada foi positivo.

Prof. Mario Brauner, Escola de Educação Física da UFRGS

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



antes de
1934

Alunos em experiências no Laboratório de Eletricidade e Máquinas do antigo Instituto José Montauray, que em 1934 passou a integrar a Escola de Engenharia da UFRGS. O prédio em que funcionou este laboratório hoje abriga o curso de Engenharia Elétrica.

Artigo

Não basta estender a mão

Porto Alegre viveu, na segunda semana de setembro, a ocorrência da milésima morte no trânsito: o atropelamento de um professor no corredor de ônibus da Av. Bento Gonçalves. Considerando que a problemática em torno dos acidentes de trânsito e de suas causas tem normalmente sido centrada na figura do condutor e seu comportamento, a notícia dessa morte por atropelamento suscita algumas reflexões.

Uma delas está relacionada à ocupação do espaço de circulação. Todos os anos cresce em torno de 20% o número de veículos nos grandes centros urbanos brasileiros. Esse dado coloca uma questão para o poder público, que é a de administrar a fluidez e a segurança viárias no trânsito. Esse crescimento está permanentemente modificando o espaço de circulação. Ao ser ocupado, esse espaço, que é público e regido por leis, passa a ser a expressão

de práticas individuais dentro de um universo plural, que vai depender, para efetivamente ser público, da permanente afirmação do contrato social que o funda. Para que esse contrato seja afirmado, o poder público tem um papel fundamental a exercer por meio da ação de fiscalização do trânsito, da educação e do planejamento viário.

Entendo que algumas das interrogações que pairam sobre a eficácia da atual campanha desenvolvida pela Prefeitura de Porto Alegre – a da mão estendida como um "novo sinal de trânsito" – estão relacionadas à falta de pertencimento por parte do pedestre ao sistema de trânsito. Essa campanha orienta pedestres a sinalizarem com a mão estendida quando querem atravessar a rua numa faixa de segurança sem semáforo. Ora, mas quem são os pedestres que se sentem em condições efetivas de realizar esse gesto? Em que lugares? Será que

moradores de regiões mais periféricas da cidade têm as mesmas condições que os de bairros nobres? Esse tipo de campanha pressupõe que o espaço de circulação esteja organizado e em condições de garantir a segurança viária da mesma forma em todos os lugares da cidade, mas não é essa a realidade da capital gaúcha. Sabemos que em regiões mais excluídas da cidade os pedestres muitas vezes são obrigados a disputar espaço com condutores na via, porque as calçadas ou estão em péssimas condições ou simplesmente não existem.

No que tange ao poder público, acredito que este deve esforçar-se para garantir uma mobilidade segura para todos – isso implica um olhar sobre a cidade de Porto Alegre que leve em conta suas problemáticas sociais, em que o foco das intervenções deva ser ajustado a partir da condição primeira de deslocamento: o andar a pé. Assim, no momento em que apresenta

uma campanha que tem como objetivo a valorização do pedestre, deve empenhar-se na sustentação de sua mobilidade, priorizando os lugares em que é mais difícil que isso ocorra e demarcando, com a ajuda da fiscalização de trânsito, que a faixa de segurança é seu espaço por lei definido. Isso implica considerar que os acidentes de trânsito advêm de uma problemática que é antes de tudo social, e não apenas comportamental, deixando de tratar como iguais os desiguais e desvelando outros dilemas que se traduzem no trânsito. Significa pensar a cidade com um olhar permeado pela vontade política de intervir, de forma a dar condições para que os deslocamentos mais equânimes.

Clara Natalia Steigleder
Socióloga e professora
do Colégio de Aplicação da UFRGS

Educação

Dilemas contemporâneos

A Faculdade de Educação (Faced) comemora seus 40 anos com o seminário Dilemas Contemporâneos de Educação Escolar. A atividade ocorrerá nos dias 11 e 12 de novembro no Salão de Atos e no Anexo II da reitoria. Serão desenvolvidas mesas temáticas sobre assuntos como educação para a diversidade, inclusão e políticas de avaliação. A abertura está marcada para as 8h30min do dia 11, com a conferência do professor Artur Gomes de Moraes, da Universidade Federal de Pernambuco, com o tema Alfabetizar e letrar cedo: não podemos perder tempo. Para o pesquisador convidado, é urgente a discussão de metodologias de alfabetização, uma vez que “certos discursos recentes sobre métodos de alfabetização pouco têm contribuído para discutir-se por que a escola pública não tem sido eficiente em alfabetizar os alunos oriundos das camadas populares”.

Conforme Dagmar Estermann Meyer, professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faced e uma das organizadoras do seminário, como as temáticas da diversidade e da inclusão escolar têm sido alvo das políticas públicas, a escola tem se deparado com a responsabilidade de responder a tais demandas. Entretanto, por ser uma estrutura concebida numa perspectiva de homogeneização, a instituição escolar deve repensar suas práticas e preparar-se para desenvolver uma educação de qualidade dentro de uma sociedade contemporânea de múltiplas identidades sociais. Por isso, o seminário dos 40 anos da faculdade abordará o tema amplamente no segundo dia do encontro. “Não basta a escola estar preparada afetivamente para acolher esse aluno, mas apta a oferecer um trabalho com qualidade, pois a inclusão social passa pela escola”, conclui Dagmar.

Programação diária

UFRGSTV tem novo site

Em setembro, a UFRGSTV comemorou seu quinto aniversário com o lançamento de uma nova programação diária e a transmissão ao vivo via site www.tv.ufrgs.br da audiência pública do Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade (PDI). “É a demonstração da capacidade técnica e de nossa preocupação com o público”, comenta Fernando Favaretto, diretor de jornalismo. De segunda a domingo é veiculada três vezes ao dia (às 14h30min, 20h10min e 23h10min) uma programação com duração de 30min, abordando temas de cultura, ciência e comunidade acadêmica. Participam da equipe 14 bolsistas dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. A Unidade Produtora da UFRGSTV é um espaço voltado à produção dos programas veiculados na UNITV, canal 15 da NET, e distribuídos entre as demais instituições federais de ensino superior que integram a Rede IFES.

Novas tecnologias

Ciclo de palestras via web

O Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da UFRGS (Cinted) realiza entre os dias 7 e 10 de dezembro o XVI Ciclo de Palestras sobre Novas Tecnologias na Educação. Entre as temáticas abordadas este ano estão: projeto e desenvolvimento de objetos educacionais, repositórios de conteúdo educacional digital, jogos educativos, ambientes virtuais de aprendizagem, web semântica, software livre na educação e informática na educação especial. Todos os trabalhos inscritos serão publicados na Renote – Revista Novas Tecnologias na Educação (avaliada no sistema Qualis da Capes) que pode ser acessada pelo endereço <http://seer.ufrgs.br/renot>. O ciclo de palestras poderá ser assistido nas modalidades presencial e via web, e as inscrições estão abertas até o dia 6 de dezembro. Maiores informações no site <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo16/>.

História e Saúde

Novos programas na Rádio da Universidade

Em outubro, dois novos programas estrearam em nossa rádio. O primeiro é o Momento do Patrimônio, que vai ao ar às terças-feiras, às 21h, e conta a história dos prédios da UFRGS que fazem parte do Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural. Nas quintas-feiras, às 10h30min, é vez do Rádio Saúde, com a apresentação do professor Edison Capp. Ele convidará especialistas para discutir temas de destaque da área, também divulgando a produção científica da Faculdade de Medicina e do Hospital de Clínicas. A Rádio da Universidade pode ser sintonizada pela faixa AM 1.080 ou pela página www.ufrgs.br/radio.

Iniciação Científica

Primeiro colocado

Jessie Pereira dos Santos, bolsista Pibic/CNPq da Zoologia, recebeu o primeiro lugar do Prêmio Destaque do Ano na Iniciação Científica com o projeto “Guia de borboletas frugívoras da Mata Atlântica do Rio Grande do Sul”, orientado pela professora Helena Piccoli Romanowski. A premiação é conferida aos melhores trabalhos realizados por bolsistas de Iniciação Científica do CNPq e às instituições participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). A cerimônia de entrega do prêmio ocorreu em 19 de outubro, na abertura da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação, em Brasília.

Prêmio internacional

Professor é destaque em Química

O professor Jorge Otávio Trierweiler, do Departamento de Engenharia Química, recebeu o prêmio internacional Donald P. Eckman Education Award, conferido pela *International Society of Automation* – ISA. A premiação reconhece a contribuição do pesquisador à educação e ao desenvolvimento em ciências, engenharia e tecnologia da instrumentação e sistemas de controle. Doutor pela Universidade de Dortmund (Alemanha), Jorge Otávio fez estágio de pós-doutorado em duas áreas: em biossensores, na Universidade Leibniz de Hannover (Alemanha), e em biorrefinarias, desenvolvimento, controle e otimização de processos, na Universidade RWTH Aachen (Alemanha). Os biossensores são instrumentos que fornecem informação em tempo real, crucial no controle de bioprocessos com ampla aplicação na indústria de alimentos, na saúde, na área petroquímica e no controle do meio ambiente.



FOTOS: FLAVIO DURRA/ARQUIVO JU

Desenvolver uma educação de qualidade será uma das questões-chave do encontro



UFRGS TV

Multiponto

O desafio de ensinar quem ensina

A partir do histórico da educação no Brasil e do panorama atual em que ela se encontra, o programa Multiponto, produzido pela UFRGS TV, busca refletir sobre a formação de professores.

“O grande problema é que não há a definição de uma política clara de continuidade dessa formação, como também não há uma política de valorização profissional e de valorização da carreira”, diz Antônio Branco, diretor do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação (CPERS/Sindicato). O ritmo em que as transformações sociais e tecnológicas vêm ocorrendo exige que o professor esteja sempre atualizado. A formação continuada contribuiria para que ele repensasse a sua prática profissional, combinando experiência com ferramentas capazes de tornarem mais interessante a sua ciência. Além disso, questiona-se a estrutura das escolas e o piso salarial, que quase sempre acabam por desmotivar os professores.

Não restrito às salas de aula, o papel do professor deve ser o de formar a autonomia do pensamento em cada estudante. Por isso, um bom educador precisa ter uma clara visão da sociedade em que vive, estando ciente de suas realidades estruturais, sociais e culturais. “Ele tem que fazer esse esforço de ensinar para que os seus alunos façam a relação com a vida prática. Um bom educador mobiliza os seus alunos para que estes construam um conhecimento próprio, fazendo a relação entre ciência e realidade social”, diz Jaime Zitkosky, professor da Faculdade de Educação (Faced).

Maria Elly Genro, também docente da Faced, diz que “temos de olhar a educação como uma ferramenta, uma prática social e política capaz de colocar apostas ao ser humano”. Dessa forma, a formação de professores de qualidade está diretamente relacionada aos desafios que se colocam para que uma sociedade mais justa e digna possa ser construída. “Penso que a educação tem que alavancar o processo de transformações sociais, e não andar a reboque, sendo puxada pelas outras áreas. A educação de qualidade tem que andar na frente, e para isso o professor é o elemento-chave, não pode estar desatualizado”, reforça Jaime Zitkosky.

Bruna Oliveira, estudante do 2.º semestre de Jornalismo da Fábico.

Assista aos programas

Para entender melhor os aspectos que envolvem a formação de professores, assista ao programa Multiponto, que vai ao ar no dia 28 de outubro, com reprise no dia 4 de novembro, às 20h10 e às 23h10, na UNITV, canal 15 da NET POA.

Economia Solidária

Posto de venda no Câmpus Centro

Será inaugurado no dia 10 de novembro o Contraponto, um espaço de comercialização solidária, no Câmpus Centro, ao lado do prédio da Faculdade de Educação. As comemorações começam às 13h e seguem até as 20h com atividades culturais no entorno do espaço, sendo que a solenidade de inauguração está marcada para às 17h na sala 101 da Faced. Esse espaço é o resultado de um trabalho interdisciplinar coordenado pelo Núcleo de Economia Alternativa (NEA - neaufrgs.wordpress.com), com a

participação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFRGS. Nesse sentido, segue os ideais da economia solidária, propondo uma nova forma de pensar o consumo e de valorizar os processos saudáveis e justos com o trabalhador, a sociedade e com o meio ambiente. O Contraponto está aberto de segunda a sexta-feira, das 8h às 20h, e oferece produtos de alimentação, artesanato e vestuário, elaborados por uma rede de ações que preservam o meio ambiente e as relações de produção associativa, ligadas ao NEA.





O Poder Judiciário e a Lei da Ficha Limpa, uma questão em aberto

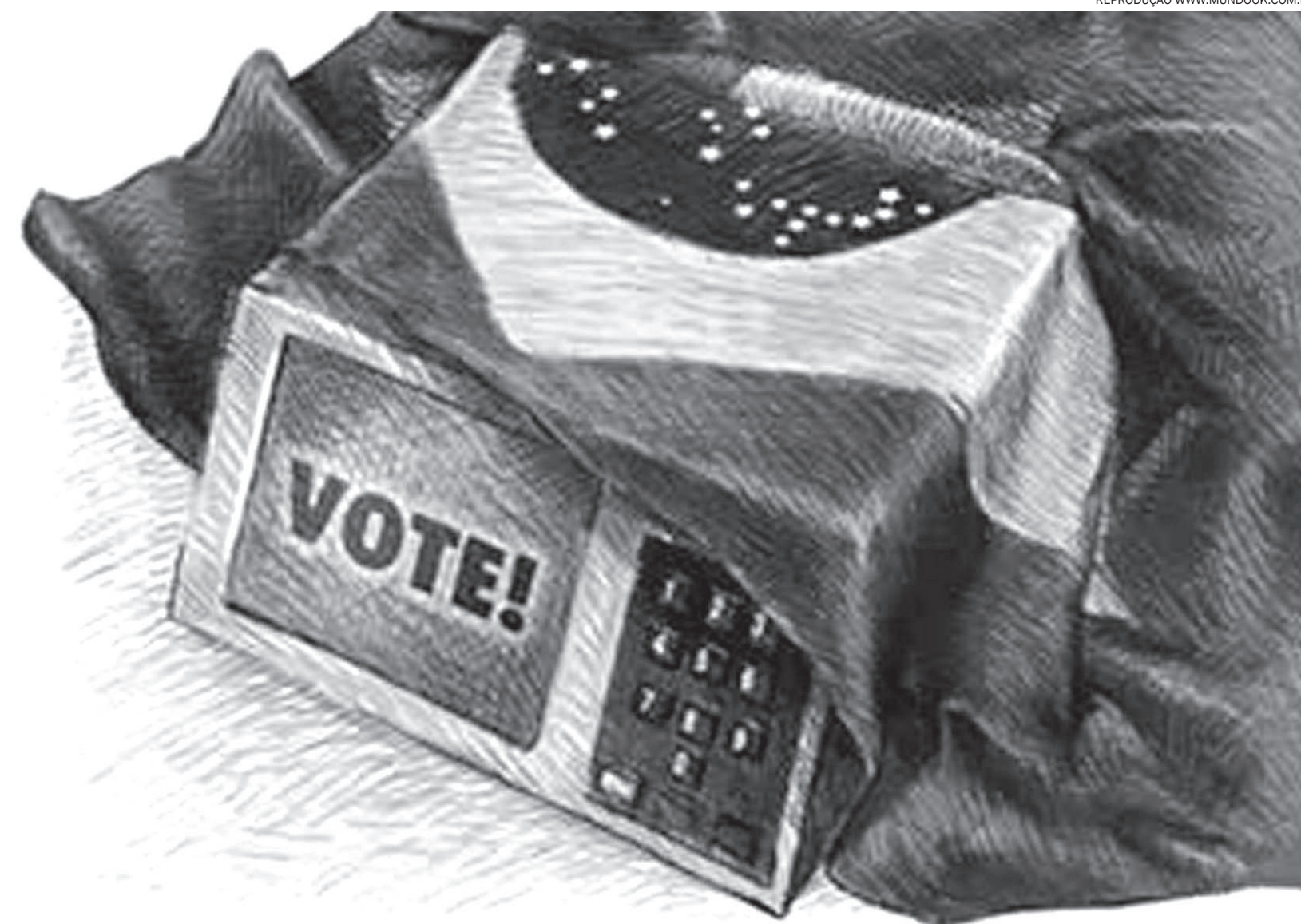
Maurício Assumpção Moya*

Ação do Poder Judiciário vem exercendo grande influência na reorganização do sistema eleitoral brasileiro nos últimos dez anos. Ainda que os efeitos desse comportamento tenham causado alguma surpresa, ele deve ser entendido como parte do processo de aprimoramento da democracia brasileira, no qual o papel regulador das instituições adquire crescente importância.

Episódios recentes ilustram essa atuação: em 2002, respondendo à consulta de um partido político, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) determinou a verticalização das coligações, com a intenção de reforçar o caráter nacional dos partidos imposto pela Constituição Federal, assim afetando significativamente as estratégias partidárias no pleito daquele ano; em 2007, o TSE regulamentou a questão da fidelidade partidária, interpretando que o mandato eletivo pertence ao partido e que o vereador, deputado estadual ou federal que mudar de sigla estará sujeito à perda do mandato.

Nos últimos anos, houve a cassação de prefeitos e governadores por infringirem disposições do Código Eleitoral. Para citar alguns exemplos: o governador do Tocantins e seu vice, cassados em 2009 por abuso de poder político nas eleições de 2006; o governador da Paraíba, cassado em 2009 sob a acusação de abuso de poder econômico; o prefeito e o vice de São Francisco de Assis (Piauí), cassados em julho de 2010 sob a acusação de abuso de poder econômico e compra de votos; o prefeito, o vice e mais sete vereadores de Independência (RS), cassados em 2009 sob a acusação de compra de votos, entre outros.

No pleito deste ano, o destaque foi relacionado à Lei Complementar 135, chamada “Lei da Ficha Limpa”, que impede a candidatura de pessoas condenadas pela Justiça por crimes contra a moralidade, o patrimônio e o erário, por tráfico de drogas, corrupção, estupro e homicídios, em decisões transitadas em julgado ou proferidas por órgãos colegiados. O texto original foi proposto pela iniciativa popular, endossado por mais de um milhão de assinaturas coletadas junto à sociedade brasileira. O objetivo da referida norma é proteger os cidadãos brasileiros, defender os valores republicanos e completar direitos, garantias e valores tutelados pela Constituição Federal. Conforme afirmou o presidente do TSE, ministro Ricardo Lewandowski, a lei “tem como meta proteger a probidade administrativa, a moralidade eleito-



REPRODUÇÃO WWW.MUNDOOK.COM.BR

ral, que são valores fundamentais do regime republicano”.

A Lei da Ficha Limpa teve sua constitucionalidade atacada por aqueles que entenderam a proibição de candidaturas como antecipação e extensão dos efeitos de pena criminal, ferindo os princípios da não-culpabilidade e presunção de inocência. Entretanto, seus defensores alegam que tais princípios aplicam-se apenas ao processo penal, servindo para impedir a antecipação de penas. No âmbito eleitoral, afirmam, prevalecem outros princípios constitucionais, como a proteção dos interesses sociais.

Um dos efeitos imediatos foi a multiplicidade de ações contra decisões dos TREs em recusar candidaturas que não cumpriram os requisitos da “Ficha Limpa”. Diversos personagens rotineiramente envolvidos em problemas com a Justiça foram afastados; a heterogeneidade das decisões

e o fato de serem tomadas tão próximas ao pleito e as lacunas do texto legal, que possibilitam diferentes interpretações, entretanto, causaram certa insegurança jurídica. Chamado a manifestar-se sobre a questão, o Supremo Tribunal Federal (STF) absteve-se de decidir (empate de 5 a 5), o que contribuiu para a manutenção do clima de suspense em torno da aplicação da regra, ao invés de organizar e padronizar as decisões das instâncias inferiores. Cumpre destacar que, nas eleições de 2010, a referida norma barrou menos de 1% dos candidatos cadastrados, muito aquém do esperado.

É importante ressaltar ainda que a Lei da Ficha Limpa ataca apenas uma dimensão de um problema maior, que é a morosidade do Judiciário, especialmente quando se trata de processos envolvendo políticos. Como prevê que só podem ser barrados os condenados

por um colegiado de juízes (normalmente a segunda instância judicial), os condenados em primeiro grau estão livres. Mas a demora dos processos em receberem sentença final é um dos principais fatores que contribuem para a possibilidade de candidatura de “fichas-suças”.

Entretanto, há um saldo positivo que já pode ser verificado: apesar da pequena quantidade de candidaturas recusadas, houve casos emblemáticos que servirão de referência para o futuro. Além disso, a própria existência da norma é um avanço, incitando o debate sobre o tema e aumentando a consciência política da sociedade brasileira sobre a necessidade de conhecer seus candidatos e fiscalizar o poder público.

*Professor do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFRGS

A gestão do lixo: uma contribuição para a cidadania

Elenita Malta Pereira*

A palavra cidadania, tão exercitada na retórica e tão vilipendiada na prática ao longo da história do Brasil, ainda não está na agenda de compromissos por parte de todas as esferas que compõem a sociedade. Entretanto, a aprovação em 2 de agosto da Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei n.º 12.305/2010) traz à tona reflexões importantes, que podem contribuir para o debate sobre o tema da cidadania e da justiça ambiental em nosso país.

Um dos pontos-chave da lei nessa direção é a responsabilidade compartilhada para o problema do lixo: cidadãos, empresas e governo – federal, estadual e municipal – são responsáveis desde a geração até o descarte dos resíduos. No âmbito governamental, estados e municípios têm obrigação de implantar, até 2014, programas de gestão do lixo, estabelecendo metas para aumentar o reaproveitamento dos resíduos. Somente o Rio Grande do Sul produz diariamente dez mil toneladas de lixo, e os custos do processo de coleta e deposição final são altos. Com o manejo adequado desses resíduos desde o início do processo, na separação realizada nos domicílios, até o transporte aos centros de reciclagem, o valor gasto pelo estado com o lixo poderia ser

destinado a outras áreas de interesse social, como educação e saúde.

A responsabilidade das empresas envolve uma novidade da lei, a “logística reversa”, pela qual tanto fabricantes como importadores, distribuidores e comerciantes de agrotóxicos, pilhas e baterias, pneus, óleos lubrificantes, lâmpadas fluorescentes, produtos eletrônicos e seus componentes ficam obrigados a implantar sistemas logísticos para recolher as embalagens utilizadas. A norma também dispõe sobre o descarte dos restos de tais produtos, extremamente danosos ao homem e à natureza, pois, além de poluentes, levam muito tempo para degradar-se.

Ao cidadão, cabe separar corretamente seus resíduos, porém sua participação no processo vai muito além disso. No artigo 7.º, constam os objetivos da lei. Dentre outros, convém destacar os seguintes aspectos: “não geração, redução, reutilização, reciclagem e tratamento dos resíduos sólidos, bem como disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos” e o “estímulo à adoção de padrões sustentáveis de produção e consumo de bens e serviços”. É interessante observar a ordem dos objetivos: o primeiro deles é não gerar lixo; se isso não for possível, gerar menos

lixo. O princípio norteador da legislação vem da educação ambiental: é necessário consumir menos e melhor.

Ao contrário de serem incentivados a ter padrões sustentáveis de consumo, os indivíduos são bombardeados a todo instante pela criação de novos produtos e novos serviços. O texto dessa lei nos permite refletir sobre a complexidade do assunto e indica que estamos numa encruzilhada: sem mudança de hábitos de consumo, a quantidade de lixo vai aumentar.

Para além da preservação ambiental, a gestão dos resíduos sólidos envolve justiça ambiental e cidadania. O que sobra de nossas atividades diárias é uma fonte de renda indispensável na vida de muitas pessoas. Além da necessidade de processos ambientalmente seguros para seu descarte, temos de considerar o aspecto social dos resíduos. Através do lixo, ocorre também a distribuição de renda a grupos historicamente marginalizados na sociedade. A legislação representa um avanço, ao prever o fim dos lixões e a emancipação econômica dos catadores pela formação de cooperativas de trabalhadores em reciclagem. É preciso que eles tenham condições justas de trabalho que lhes possibilitem inclusão

social. Esse é um dos pilares da justiça ambiental: todos devem ter acesso à riqueza, à democracia, a viver num ambiente limpo e não degradado.

A importância da aprovação da lei, portanto, vai além do problema do lixo. O texto não é perfeito, mas é uma boa contribuição para que o país avance em temática tão relevante. Os procedimentos de coleta seletiva e reciclagem são instrumentos eficazes para a promoção da justiça ambiental: garantem a limpeza urbana, evitam a poluição do ar, das águas e do solo, e promovem o sustento de milhares de famílias. O cidadão do século XXI, inserido nos planos local e global, não pode eximir-se da sua responsabilidade: separar seu lixo, consumir menos – avaliar a necessidade de impressão é um bom começo – e dar preferência a sacolas e embalagens reutilizáveis. Pode ser que, se indivíduos, empresas e Estado fizerem a sua parte, possamos finalmente colher os benefícios de uma boa gestão do lixo, tanto para o meio que nos cerca quanto para promover cidadania a tantos excluídos em nossa sociedade.

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS



FLAVIO DUTRA/JU

Educação

Cada vez mais utilizado para ingresso no ensino superior, o exame tende a unificar os currículos do ensino médio

O resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2009, publicado em julho pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), do Ministério da Educação, levou os principais jornais do país a destacarem, mais uma vez, que as escolas privadas tiveram um desempenho muito superior ao das públicas, com base nas médias dos alunos por escola. As exceções – que confirmam a regra – foram as instituições públicas que selecionam alunos no seu processo de ingresso, como as escolas técnicas e militares e os colégios de aplicação das universidades federais. A Folha de S.Paulo constatou que, entre as 2.500 melhores, apenas 200 (8%) pertencem à rede pública. O Globo (RJ) apurou que 97,8% das escolas cuja média ficou abaixo de 500, numa escala de 0 a 1.000, eram públicas. Ao todo, 25.484 escolas tiveram alunos prestando o Enem, somando 2,6 milhões de participantes.

A melhor média do país foi obtida pelo colégio Vértice (SP) – 749,70. A melhor pública ficou em sétimo: o colégio de aplicação da Universidade Federal de Viçosa (MG), com 734,66. A segunda pública teve a 17.ª média nacional, com 722,58. A pior média brasileira foi a da Escola Estadual Indígena Dom Pedro I (AM), com 249,25, seguida da escola estadual Osvaldo Pereira (MT), com 307,42. Nenhuma escola gaúcha figurou entre as 30 melhores nem entre as duzentas piores do país; o estado, no entanto, tem a maior média nacional (553,96), como mostra a tabela ao lado.

Na UFRGS, o Enem, adotado desde o último vestibular, é opcional, mas o peso aumentará de um para dois em 2011. Hoje, as 55 universidades federais utilizam o exame, seja como única forma de ingresso, seja como parte dos critérios de seleção. E a tendência é que ele tenha um peso cada vez maior na disputa por vagas no ensino superior, devido aos incentivos do governo para que as universidades o adotem. Entre estes, figuram tanto a isenção de impostos para as privadas por meio do ProUni, para o qual o Enem é a única seleção, quanto a destinação de recursos para as federais. Para a edição de 2010, prevista para os dias 6 e 7 de novembro, 4,6 milhões estão inscritos.



Marcelo Melnek, estudante do primeiro ano do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, terá pela frente um exame que ganha cada vez mais peso

Enem vira centro das atenções

Exame controverso – Como o Enem oficialmente é um instrumento de avaliação, ele tem sido usado para comparar a qualidade das escolas, estabelecendo um ranking matematicamente preciso, como nos concursos.

Há de se considerarem algumas questões. Primeiro, o Enem é feito por adesão, isto é, faz a prova quem quer. Isso pode distorcer o desempenho de uma escola, caso o percentual de alunos seja muito pequeno, tendo em vista que aqueles que realizam a prova, em princípio, são os mais interessados e preparados. É o caso do próprio Vértice, que teve apenas 37 dos seus 62 alunos participando, ou do Móbile (SP), décimo primeiro no ranking e que contou com 39 alunos, de um total de 101. O Inep considera a média de escolas que tiveram pelo menos 10 alunos realizando o exame, o que leva a aberrações, como avaliar a escola estadual Prof. Coema Souto Maior (RR), que obteve 447,30, sendo que apenas 10 dos 399 alunos prestaram o Enem.

Para o educador Juca Gil, da Faculdade de Educação da UFRGS, “hoje o Enem é um concurso, ele não é uma avaliação”. O professor entende que questões fundamentais, como as particularidades regionais e o contexto social dos alunos, ficam de lado: “O exame não traz novidades, apenas reflete uma situação socioeconômica”. Nesse mesmo sentido, Alexandre Soares, da Secretaria de Educação do RS, diz que “o Enem não serve para

Desempenho dos estados

O RS obteve a melhor média nacional no Enem 2009 tanto na classificação geral quanto na rede pública. O estado tem a menor diferença entre a média geral e a média das escolas públicas quando comparado com os estados que obtiveram as maiores médias gerais. As menores médias gerais foram de Roraima (494,06) e do Maranhão (496,26), que obteve a menor média da rede pública (477,63), seguido do Piauí (480,62).

Geral	Rede pública	Diferença
1.º RS 553,96	1.º RS 541,51	1.º RS 12,45
2.º SC 549,04	2.º SC 533,16	2.º MG 14,37
3.º RJ 544,45	3.º MG 526,52	3.º SC 15,88
4.º DF 543,67	4.º SP 522,09	4.º DF 29,46
5.º MG 540,89	5.º PR 515,98	5.º RJ 30,01

“O exame não traz novidades, apenas reflete uma situação socioeconômica”

Juca Gil, professor da Faced

avaliar a qualidade da educação, especialmente das escolas. É uma avaliação, na verdade, do aluno”. Já o MEC informa, em sua página na internet, que “a divulgação das médias do Enem tem se revelado importante elemento de

mobilização em favor da melhoria da qualidade do ensino”.

Segundo Juca Gil, não há como comparar o desempenho de alunos de realidades distintas: “No máximo 20% da população, uma elite econômica, têm acesso ao ensino médio privado”. Para o educador, na prática, isso significa que o jovem de escola privada não trabalha, ao contrário do da pública, que normalmente está empregado ou procurando emprego e, em casa, não tem condições para estudo. A carga horária na escola privada é, portanto, maior. Ele segue: “O aluno de escola pública tem jornal, revista em casa? O aluno de escola privada tem fruição cultural, frequenta cinema, teatro, parque... Não é questão só de curtir,

isso dá visão de mundo, capacidade de reflexão e criatividade”.

“A escola é responsável por 35% do resultado dos alunos, o resto vem de fora”, afirma Alexandre Soares, “no entanto, se ela fizer bem esses 35%, isso fará diferença na vida dessas pessoas”. Especialistas apontam que uma boa escola precisa (1) dispor de professores suficientes, bem qualificados, que dominem o material didático e conheçam seus alunos, e (2) ter estrutura, de modo que as turmas não fiquem superlotadas.

Conforme o MEC, que critica a influência que os vestibulares das federais têm sobre os currículos de ensino médio de suas regiões, um dos objetivos do Enem é justamente promover uma unificação dos currículos – e é isso o que Juca Gil considera equivocados: “É papel de governo centralizar? Ele tem que estabelecer um mínimo... O problema é que isso está deixando de ser um mínimo e se tornando a regra”. Conforme a legislação brasileira, analisa o educador, “a escola no Brasil tem autonomia para direcionar seu conteúdo”. Para Gil, o Enem vai na contramão disso: “Qual o problema de ter uma escola focada em música, esportes ou línguas? Até hoje o Enem não usa língua estrangeira; o que significa isso?”, questiona. Na visão do educador, o ensino básico tem sido pautado pelo ingresso no ensino superior: “O importante é você saber regrinhas para responder às questões do vestibular”, critica.

Contrastes no ensino

O Colégio Sinodal, de São Leopoldo, festejou o 1.º lugar do estado no Enem 2009, colocando o resultado em *outdoors* no Vale dos Sinos. A escola foi a 32.ª no ranking nacional, com média de 710,95. Dos 61 alunos do terceiro ano, 59 prestaram o exame. Perguntado se o objetivo do colégio era “vencer” o Enem, o diretor, Ivan Renner, nega: “O que o Enem pede é algo que nós trabalhamos há muito: formar o aluno crítico, que sabe argumentar; um sujeito que, diante de qualquer seleção, vai se sair bem”. O Sinodal tem 1.030 alunos, que estudam pela manhã e optam por atividades extras à tarde, como música, esportes e robótica, cada uma em um espaço próprio. O teatro é curricular. As séries iniciais têm limite de 25 alunos por turma,

o que aumenta até o ensino médio, mas nenhuma turma chega a 40 alunos.

Renner credita o bom desempenho a três fatores essenciais. O primeiro é a capacidade de o professor se relacionar com o aluno; no Sinodal, não há nota, mas o professor emite um parecer a cada aluno sobre o seu desempenho – por isso precisa conhecer cada um. O segundo, a composição da turma, isto é, o perfil dos alunos que estudam juntos: “Nós conhecemos nossos alunos porque trabalhamos rente com as famílias”, afirma. O terceiro é o número de alunos em si.

A mensalidade do ensino médio é de R\$ 755, e o diretor afirma que o colégio se sustenta integralmente com essa renda.

A escola estadual Oscar Tollens, no bairro Partenon, obteve a menor nota de Porto Alegre, 465,49 – ficando, ainda assim, à frente de 30 escolas no estado. Apenas 15 dos 74 alunos participaram. “Por mais que o professor queira fazer um trabalho específico para preparar para o Enem no turno inverso, não é remunerado, e muitas vezes ele dá aulas nos três turnos em escolas diferentes para cumprir a carga horária. Então, de manhã ele está aqui, de tarde na zona norte e de noite na zona sul”, ilustra o diretor, Marco Antonio Miranda. São cerca de 1.000 alunos, e o número aumenta, pois não há outra escola pública nas proximidades. A escola tem apenas um banheiro, que fica trancado, e os alunos têm de pedir a chave para o diretor. Uma

sala com capacidade para 30 pessoas faz as vezes de auditório, e as salas são protegidas por grade e cadeado. A área externa não tem calçamento, apenas barro. Uma turma do ensino médio noturno tem 50 alunos, alguns deles tendo de ficar em pé.

Segundo Marco Antonio, mais complicada que a estrutura é a disponibilidade de professores: “Iniciamos com falta de 12 professores só no turno da manhã, em que a base é o ensino médio. Às vezes, o mesmo professor dá aula de história, geografia, religião, filosofia... atendendo a 17, 18 turmas”, relata.

Diego Mandarino, estudante do 8.º semestre de jornalismo da Fabico



A Mostra de Extensão divulgou propostas como a do projeto do Escritório-modelo de Arquitetura e Urbanismo Albano Volkmer da Faculdade de Arquitetura

Universidade estendida

Salão de Extensão Evento de visibilidade aos projetos junto à população

Ampliação. Ato ou efeito de estender-se. Aqui-lo que se desenvolveu. Aumento. São diversas as definições do dicionário para a palavra extensão, e todas vão de alguma maneira ao encontro do sentido que a palavra ganha no âmbito universitário. Os projetos que promovem o contato do conhecimento produzido dentro da academia com as necessidades da população expandem a Universidade e proporcionam momentos de troca de saberes entre estudantes e comunidades. O XI Salão de Extensão da UFRGS, que neste ano aconteceu entre os dias 4 e 8 de outubro, deu visibilidade a essas iniciativas, destacando também os encontros e desencontros entre a extensão, o ensino e a pesquisa.

Saberes compartilhados – Um exemplo do contato entre Universidade e entorno é o do projeto sobre Danças Populares, desenvolvido junto à Escola de Educação Física. Nove dançarinos que entraram de pés descalços no Salão de Festas da reitoria no último dia do evento puxaram pessoas do público pela mão para agregarem-se à performance. Foi assim que apresentaram seu trabalho à comunidade universitária. Jair Felipe, coordenador do grupo, explica que o seu objetivo

é justamente promover o encontro da Universidade com a cultura extrauniversitária no que diz respeito à cultura popular, convergindo saberes. “Não é questão de, por exemplo, trazer mestres de batuque para cá e dissecar os seus conhecimentos, suas práticas. É questão de conversar de coração aberto e ver o que eles têm a ensinar para a academia, que é muita coisa, sem dúvida”, explica.

O grupo começou de forma independente e, ao se tornar um projeto de extensão, passou a ter uma dimensão maior. Com apoio da Universidade, investe em pesquisas de resgate da cultura afro-gaúcha e na realização de oficinas junto a comunidades, como os acampamentos do Movimento dos Sem-Terra.

Visitação – As visitas das escolas foram um ponto marcante desta edição do evento. Quando questionado sobre o que havia gostado no Salão, Matheus Fontes Silva, estudante da quarta série do Ensino Fundamental do Instituto de Educação, citou a “aula” sobre o destino certo de medicamentos, proporcionada pelo projeto de extensão do qual Louise Seixas, professora da Faculdade de Farmácia, participa.

A proposta desse projeto é informar a população sobre o descarte dos medicamentos e também o seu uso correto, respeitando a observação do prazo da validade, por exemplo. Segundo Louise, é importante mostrar o trabalho na “vitrine da universidade”, como ela denomina o encontro, por se tratar de um projeto do qual a população é protagonista. A bolsista Suelen Pereira, do quarto semestre do curso de Farmácia, diz que procurou participar do projeto desde o primeiro semestre, sabendo que ele faria a diferença na sua formação.

Formação – Édina Vendrame, estudante do quinto semestre de Odontologia, expôs no Salão o projeto Saúde Bucal nas Escolas, do qual participa como bolsista. Ela atende crianças às quais procura ensinar noções de higiene e cuidados básicos com os dentes, e comenta que não tinha conhecimento sobre o contexto desses meninos e meninas antes de participar do atendimento. Vinda do interior do estado, Édina se deparou com o que chama de “mundo-realidade” durante a experiência da bolsa.

A formação acadêmica não é apenas complementada em termos de conhecimento de realidades antes alheias, mas também na assimilação de saberes por parte dos estudantes. Sofia Gasparotto, do nono semestre de Biologia, afirma que sua formação não seria a mesma se não participasse do trabalho no horto na Vila Cruzeiro do Sul, através da extensão da UFRGS. Lidar com plantas medicinais, cultivadas a partir do conhecimento das pessoas mais idosas da comunidade num processo coletivo, tem auxiliado a futura bióloga a ver o ambiente de forma integrada, direcionando também o seu aprendizado. “Isso é essencial para a Biologia, pois a vida é dinâmica, acontece além das paredes da faculdade. É complicado estudar o ecossistema sem a interferência das pessoas, na prática”, explica. O horto também oferece oficinas para alunos das escolas da região.

Desencontros – Ao mesmo tempo em que traçou um panorama sobre as atividades que colocam a população no centro de atenção da Universidade, o Salão de Extensão desencontrou-se com o seu próprio público interno em alguns momentos. Esse aspecto foi ressaltado no último dia da pro-

gramação, durante uma reunião de professores e alunos extensionistas.

A estudante Cíntia Pereira questionou a baixa participação de público no evento. Ela apresentou o trabalho “A Escola Municipal da Grande Cruzeiro e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil”, coordenado pela professora Laura Fonseca, da Faculdade de Educação. A aluna disse que seus colegas desejavam assistir à exposição, mas não puderam porque tinham aula. “Se for para levar falta na disciplina, ninguém vem ao Salão. Quem acabou vindo foram as pessoas que já estavam aqui, apresentando seus próprios trabalhos. Não se pode mostrar projetos excelentes para meia dúzia de pessoas. A Universidade deveria prestar mais atenção nisso”, alertou. De fato, as atividades programadas tiveram uma assistência irregular: em alguns momentos, foi difícil se movimentar pelo 2.º andar da reitoria, tamanha a quantidade de pessoas que lá estava; em outros, o espaço estava vazio.

O vice-pró-reitor de extensão, Angelo Ronaldo Pereira da Silva, disse que a UFRGS terá, a partir de 2011, um salão único, congregando ensino, ensino a distância, pesquisa (iniciação científica) e extensão. A ideia é atrair um número maior de pessoas, já que o evento seria realizado em uma semana específica, e não em três, como ocorre atualmente, o que impossibilita a paralisação das aulas. “Provavelmente, o calendário acadêmico vai ser alterado para que se possa dispensar os alunos das aulas e liberá-los para participar desse grande Salão”, afirmou.

João Flores da Cunha e Mariana Sirena,
estudantes de Jornalismo da Fabico

Dois pontos

ONDE VS. AONDE

As formas ‘onde’ e ‘aonde’ são frequentemente usadas em nosso dia a dia de modo indiscriminado. Cunha & Cintra (2001:352) mostram que escritores clássicos também empregavam uma forma em lugar de outra, tal como ocorre nos seguintes versos, extraídos da obra “Poesias Completas”, de Machado de Assis: “Mas *aonde* te vais agora / *Onde* vais, esposo meu?”

Sob outra perspectiva, há gramáticos que defendem o uso de ‘onde’ e de ‘aonde’ em contextos distintos. Para eles, ‘onde’ é advérbio com significado de ‘em que/qual lugar’, ao passo que ‘aonde’ corresponde à junção da preposição ‘a’ ao advérbio ‘onde’, com significado de ‘para

que/qual lugar’. Vejamos alguns exemplos:

“Não sei *onde* está minha jaqueta.” / “*Onde* ele comprou isso?”

“Não sei *aonde* foi minha colega.” / “*Aonde* ele levou tua amiga?”

É importante observar que ‘aonde’ é utilizado com verbos de movimento que, de acordo com as regras de regência, são acompanhados da preposição ‘a’: ir a(onde), chegar a(onde), levar a(onde).

Referência: CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOBRE CITAÇÕES

É frequente, em um texto de caráter acadêmico-científico, o uso de citações quando um autor faz menção a algo escrito em outro texto. Para esse autor, no entanto, nem sempre é claro o modo como uma citação é feita.

No intuito de especificar características e dar orientações sobre a apresentação de citações em documentos, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) publicou a Norma NBR 10520:2002. Trazemos abaixo um recorte do que a entidade recomenda com essa Norma.

- Citações diretas de até três linhas devem estar contidas entre aspas duplas e aparecer na sequência normal do texto; aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior

da citação. Citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com tamanho de fonte menor e sem aspas.

- As citações podem aparecer tanto ao longo do texto como em notas de rodapé. As chamadas pelo sobrenome do autor devem ser escritas em letras maiúsculas e minúsculas e, quando estiverem entre parênteses, grafadas em letras maiúsculas. Note-se que as reticências dentro dos colchetes são utilizadas para indicar a supressão de trechos da citação que, segundo o redator, não cabem ser reproduzidos em seu texto.

André Schneider, revisor de textos
andre.schneider@consun.ufrgs.br



O estudante Lucas Wollmann (esq.) e o médico Sati Mahmoud (dir.) fazem visitas domiciliares semanais aos pacientes que residem no entorno da Unidade Básica de Saúde do bairro Santa Cecília em Porto Alegre

Por uma medicina integral

Formação

Internato em Saúde de Família e Comunidade possibilita um olhar sobre o contexto social dos pacientes

Uma colcha de retalhos. Assim Lucas Wollmann, estudante do 12.º semestre da graduação em Medicina da Universidade, define a formação na sua profissão. Ele constrói a metáfora refletindo sobre o aprendizado nos internatos – estágios dos últimos dois anos do curso que colocam os estudantes em contato com as comunidades nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). A qualidade dessa colcha, ou seja, da própria formação do estudante, depende das costuras feitas entre as especialidades nas quais o quase médico teve experiência.

O internato em Saúde de Família e Comunidade apresenta-se como uma oportunidade privilegiada de aplicar o conhecimento teórico construído ao longo do curso, e de assim costurar os fragmentos de aprendizado da passagem pelos internatos nas diversas especialidades. Tratam-se dos três últimos meses do percurso de seis anos da graduação em Medicina. A inserção do aluno no contexto em que o paciente vive é uma noção fundamental nesse trabalho. “A apropriação profunda da realidade das pessoas é uma proposta da medicina comunitária e também uma forma de qualificar a prática dentro do consultório”, explica Lucas.

Atendimento humanizado – Ouvir e respeitar os valores do paciente são princípios de atenção primária à saúde que permeiam o trabalho médico. “A partir de uma perspectiva cultural adequada, é possível levar ao paciente o que de melhor a ciência médica oferece.” Quem explica é Odalci Pustai, professor da Faculdade de Medicina da UFRGS que coordenou a criação do Internato em Saúde de Família e Comunidade. Ele afirma que a relação médico-paciente deve ser compreensiva, na perspectiva da humanização da Medicina. “Trabalhamos com o sentimento da pessoa, procurando entender o que a doença significa para ela”, explica.

Lucas conta que sempre se interessou por essa especialidade, que abarca um pouco de todas as outras. “Quando estudamos a Medicina de Família e Comunidade, percebemos que as pessoas adoecem e se sentem mal por diversos motivos, num sentido muito abrangente da palavra adoecer.” Ele continua nessa linha de raciocínio comentando que não são apenas as bactérias com as quais o ser humano entra em contato ou as doenças orgânicas que se desenvolvem no seu corpo que influenciam a saúde. O meio em que se vive, traduzido nas ciências médicas pelo termo “determinantes

sociais da saúde”, precisa ser apropriado pelos médicos para que o atendimento atinja bons resultados e seja integral, considerando a pessoa como um todo, e não focando a intervenção apenas na doença.

O instrumento das visitas domiciliares aparece como uma importante forma de chegar ao contexto dos pacientes e também de efetivar a universalidade pressuposta pelo Sistema Público de Saúde. As equipes de saúde adentram nas comunidades e nas casas da população do entorno da UBS e procuram compreender o universo que as cerca. O foco do atendimento domiciliar na unidade do bairro Santa Cecília, por exemplo, no qual dez estudantes de Medicina da UFRGS realizam internato, é atingir aqueles que não podem ir ao posto, o que geralmente corresponde à população idosa. “Se a pessoa não consegue acessar o sistema, o sistema tem que chegar até ela”, completa Lucas.

O estudante considera a visita domiciliar como uma forma de qualificar o atendimento, uma vez que o tratamento eficaz, assim como as propostas preventivas, só pode ocorrer a partir do conhecimento sobre o paciente inserido em seu contexto de vida. Ele cita como exemplo a prescrição de medicamentos que o paciente não tem recursos para adquirir. Até mesmo a sugestão de caminhadas como medida preventiva pode ser inefez se não se observa que a pessoa que trabalha durante a jornada diária, não tem segurança para caminhar à noite, ficando impedida de cumprir a indicação do médico. O internato tenta proporcionar, por meio da prática clínica associada ao conhecimento da comunidade, o desenvolvimento de certa sensibilidade para evitar esse tipo de atitude médica equivocada.

Autonomia dos estudantes – Livros (que mais parecem tijolos) sobre os diversos assuntos da Medicina ficam espalhados nas mesas da sala principal da Unidade Básica de Saúde do bairro Santa Cecília. Os graduandos do internato consultam as suas páginas e conversam com os supervisores – todos eles médicos e professores da Faculdade, além dos residentes – sobre os sintomas dos usuários do Posto e as possíveis causas das queixas. Esse é o ambiente da Unidade vinculada ao Hospital de

“Trabalhamos com o sentimento da pessoa, procurando entender o que a doença significa para ela”

Clinicas de Porto Alegre. Ela existe desde 2004 e atende a mais de 35 mil moradores do entorno.

No internato, os estudantes fazem o papel de verdadeiros médicos. Muitos pacientes nem mesmo sabem que são atendidos por graduandos de Medicina, como é o caso de Juarez Souza Pires. “Se são estudantes, estão me estudando”, comenta ao saber da condição de alunos daqueles que cuidam do seu tratamento. Ele frequenta a UBS desde que ela abriu e fica chateado ao comentar que ainda não encontraram cura para as suas dores, resultantes da artrose. Mas avalia positivamente o atendimento prestado, assim como Elisabeth Espinola: “Não vejo a diferença entre o atendimento dos estudantes e dos formados”, conta a ex-funcionária do Hospital de Clínicas.

Na trajetória de trabalho de Lucas na UBS, raras vezes os pacientes exigiram serem atendidos por médicos formados. Ele acredita que a vontade de aprender dos estudantes é um ponto a ser considerado nessa questão. “A prática da vida profissional não nos desgastou nem nos cansou, pois ainda somos alunos. Então acabamos tendo uma energia maior para nos dedicarmos às pessoas. Elas sentem esse interesse, apesar de nosso conhecimento técnico não ser tão completo quanto o dos médicos formados”, complementa.

O conceito de autonomização do sujeito profissional permeia o trabalho no internato. O professor Odalci explica que essa ideia corresponde à autonomia para trabalhar que os estudantes possuem: são eles que fazem o primeiro raciocínio sobre as queixas dos pacientes, propondo as soluções. “O professor é o responsável por dar suporte, mas o ensino é centrado no aluno e no paciente”, comenta, observando também que o graduando vai adquirindo segu-

rança ao longo da experiência de atendimento à comunidade. O seguimento dos casos é outro ponto importante do aprendizado no internato, uma vez que muitos estágios nas especialidades e nos ambulatórios de hospital não permitem ao estudante acompanhar o desenvolvimento das suas intervenções. Ao final do estágio, os alunos já intervêm em casos como diabetes, problemas de pressão, colesterol, com a desenvoltura de médicos formados.

Além da atenção dos médicos, a população usuária da UBS ligada ao Hospital de Clínicas usufrui do auxílio de profissionais de diferentes áreas, como nutricionista, psicólogo, enfermeira, farmacêutico. Estudantes de vários cursos da área da saúde têm assim a oportunidade de interagir com professores e profissionais no ambiente de trabalho durante seus estágios na Unidade e de entrar em contato com essa população, aprendendo juntos. Médicos especialistas também realizam eventualmente visitas ao posto para prestar consultoria, como dermatologista e psiquiatra. Mas o foco do trabalho dos estudantes do internato é justamente prestar o atendimento inicial aos pacientes, compreendendo-os no seu todo orgânico, cultural e social.

11 anos de atendimento – O Internato em Medicina de Família e Comunidade surgiu em 1999, devido à pressão dos próprios alunos do curso através do Centro Acadêmico Sarmento Leite. “Eles entendiam que esse estágio representava uma oportunidade de fazer uma síntese de toda a Medicina e de verificar a capacidade que conseguiram desenvolver durante os estudos para lidar com os problemas mais frequentes de uma comunidade”, explica Odalci. Hoje, 11 anos depois da criação, o internato abriga 36 estudantes, espalhados em seis postos do Sistema Municipal de Saúde de Porto Alegre e também em 11 unidades ligadas ao Grupo Hospitalar Conceição. Além do estágio nessa especialidade, os alunos passam pelos internatos em Cirurgia, Pediatria, Ginecologia, Medicina Interna e um estágio opcional, sempre no período de três meses em cada um.

Mariana Sirena, estudante do 8.º semestre da Fabico



Expansão de horizontes

Saída de campo

Contato com a realidade aprimora a produção do conhecimento

TEXTO E FOTOS **DIEGO MANDARINO**

SÁBADO

8h Cidade vazia, tempo bom. No largo situado atrás do prédio da reitoria, três ônibus grandes e algumas vans da UFRGS aguardam as turmas para sair a campo. Alunos, motoristas, professores e bagagens sobre o calçamento compõem o quadro.

Um dos veículos está prestes a partir. Falo com duas estudantes de Biologia que aguardam a saída do ônibus de uma das disciplinas de Trabalho de Campo. Elas dizem não conhecer o grupo que eu devo encontrar – a turma da disciplina de Manejo e Conservação, do Departamento de Botânica, obrigatória para alunos do curso de Engenharia Ambiental e eletiva para os de Biologia.

O impasse é resolvido com a chegada de Vanise Sebbem, bióloga formada que faz a disciplina em questão como aluna especial. Ela informa que nosso transporte não chegou ainda. Logo depois, desponta no outro lado da rótula o mais antigo ônibus da UFRGS, há 38 anos em atividade. “É o Azulão!”, identifica Vanise.

Azar de quem não tomou café da manhã! O professor Paulo Brack quer agilizar a partida rumo ao Litoral Norte do estado. Seu plano consiste em realizar paradas eventuais ao longo da Freeway e da Estrada do Mar para falar so-

bre a vegetação e os impactos provocados pela ocupação humana. Além disso, estão marcadas visitas a propriedades em que há trabalhos de preservação e alternativas sustentáveis de uso da terra.

De sábado para domingo, o grupo irá hospedar-se na colônia de férias da UFRGS, em Capão Novo. O fato de termos de levar a roupa de cama avoluma a bagagem de todos. Mas, para as 24 pessoas, o Azulão, com suas feições clássicas e poltronas marrons estofadas, torna-se um milagre em matéria de conforto.

10h A primeira parada ocorre no município de Glorinha. Brack explica que durante a semana um proprietário rural havia entrado em contato com a Universidade por intermédio da agrônoma Lori Brandt – que já participa de projetos com a biologia da UFRGS há mais tempo –, pedindo uma visita. Ele quer trocar ideias sobre como transformar parte de sua propriedade em Reserva Particular de Proteção Natural (RPPN). A mudança isenta o proprietário de impostos e fornece recursos para manter a mata nativa.

Marcus Ferreira é natural de Açaí, norte do Paraná. Criado na zona rural, foi o único da família que voltou à sua terra após cursar Agronomia “para trabalhar e aprender com os imigrantes japoneses”. Há três anos, instalou-se com a esposa em Glorinha porque queria viver em um local em que houvesse bastante água – o sítio está localizado em uma região acidentada por onde passa o rio dos Sinos. Ali, eles produzem e vendem peixes e plantas ornamentais, além de vários tipos de artesanato, boa parte objetos de madeira. Marcus também pretende plantar legumes, mas, por enquanto, seu trabalho é recuperar áreas degradadas e transformá-las em RPPN. Abrir a reserva para o turismo ecológico é outro plano para incremento da renda.

Chegamos à beira do rio, de onde ele nos mostra uma pequena barragem, construída em

Sempre na estrada

As unidades que integram o Grupo Frota e têm saídas de campo como rotina são as Faculdades de Agronomia e de Veterinária e os Institutos de Biociências, de Geociências e de Pesquisas Hidráulicas (IPH). Desde o ano passado também a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) passou a realizar saídas de campo. Uma estimativa feita pela gerência do grupo aponta que o maior volume de saídas é do curso de Biologia, seguido do de Agronomia e do de Geologia. Todas as unidades podem agendar viagens, desde que haja veículos e motoristas à disposição e as demandas das unidades integrantes tenham sido atendidas. De acordo com o coordenador, José Rietjens, ocorrem viagens todos os fins de semana.

forma de V para resistir à corrente, com o vértice atacando-a e dividindo sua força. Uma calha paralela coleta a água represada e a conduz até a casa mais abaixo, que abriga um mecanismo complexo de rodas dentadas de madeira, hoje desativado. Não se trata de um simples moinho, mas de uma tafona. Os alunos do curso de Engenharia Ambiental mostram mais interesse nessa parte. A tafona, explica Marcus, possui polias que podem ser trocadas de acordo com a operação desejada, como moer ou descascar grãos. O uso mais comum é para fazer farinha. O mecanismo parou de ser usado na região a partir do surgimento de outras máquinas. O proprietário pensa em recolocar a tafona em operação por ser sustentável, já que aproveita a força do rio. Apenas um idoso na região ainda sabe como construir todo o sistema.

12h Sol forte. Caminhamos em campo aberto. O pessoal carrega os casacos e blusões na mão ou amarrados ao corpo.

Um dos desafios de Marcus é acabar com as braquiárias, gramíneas que foram trazidas da África para servirem de pastagem. O professor Brack explica que esses capins não têm inimigo natural no nosso ambiente e por isso se propagam. Para não usar herbicidas, Marcus está tentando o abafamento com lonas. Ele também está preocupado em derrubar os pinus, que são exóticos, antes da época em que começam a liberar suas sementes, a fim de evitar a proliferação da espécie em sua propriedade.

13h Parada em Osório para almoço. Converso com o biólogo Rodrigo Cossio, que está acompanhando a turma e que trabalha em Maquiné num projeto de incentivo à palmeira juçara. A espécie é protegida e sua exploração restrita pelos órgãos ambientais porque o uso tradicional é a extração do palmito, o que acarreta a morte da planta.

Mas a coleta do fruto pode representar uma alternativa para aliar preservação e produção, já que o cultivo se dá na própria mata. Segundo Rodrigo, a fruta é muito parecida com o açaí. Tanto é que a juçara é apelidada de “açaí da mata atlântica”. O objetivo é estimular a produção entre os agricultores e vender o produto nas feiras, retirando os intermediários do processo e gerando mais renda ao produtor. O pesquisador conta que um dos grandes desafios foi conseguir a autorização dos órgãos estatais. As licenças precisaram ser obtidas junto aos Ministérios do Meio Ambiente, da Agricultura, da Pecuária e Abastecimento, e também junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

15h Chegamos à Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), no município de Maquiné, onde a Petrobras mantém um projeto proposto pela ONG Ação Nas-

cente Maquiné (A) e recuperação da Grande parte da movida pela agricultura. Gabriel Poester mo nativas para replantar e obrigados a recom

Acompanha o estudante de Biolo de promoção da ju sio. Em seguida, n locais em que a p ecossistema, na Fe vtores de estrutura e liso, com pequen escolhe uma juçara de subida. Ele usa como suporte: “São car a subida, os bra explica. Lucas apar As frutas que prov tinham pouca polp

Depois, seguin do rio Maquiné, o de plantio da mat determinada distr

17h No cent tam um pela ONG Anama de madeira nativa natural e possui u na parte de trás fil mau cheiro.

20h Após p super de Capão Novo, o Oliveira nos receb reservados para o as instalações fica com as camas na

funções das saídas de campo é apresentar aos estudantes alternativas à monocultura



e um beliche. Embaixo, uma mesa de refeições, pia com armário, frigobar, um pequeno forno elétrico, televisão, despensa com jogo completo de pratos, talheres, copos, vasilhas e panelas; e também um sofá-cama e um banheiro em bom estado.

21h Enquanto o motorista Sandro Bueno prepara o churrasco, fala sobre as viagens que já realizou em seus sete anos de trabalho, conhecendo várias regiões. “Já estou enjoado da cara do Brack”, brinca.

Pães, abacaxi, cebola e algumas verduras completam a refeição. As verduras – dente-de-leão e serralha – foram preparadas por Claudine Abreu e pela agrônoma Lori. São Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), isto é, são nativas, de conhecimento tradicional, mas não usadas na horticultura comercial. Existem projetos para incentivar a sua produção. Todos alimentados, quando o pessoal começa a se levantar, o professor anuncia, para incredulidade geral: “Amanhã, às 7h, vamos partir”.

DOMINGO

7h Brack ainda não passou para chamar, o que só veio a acontecer pelas 7h40min. Alguns têm as malas prontas do lado de fora enquanto arrumam suas cabanas. Na cabana do professor, o pessoal pôde aproveitar o café passado.

11h^{30min} Após um trajeto em que o professor parou duas vezes para falar sobre vegetação e impactos, chegamos à propriedade de 14 hectares de Valdeci Evaldt, em Morrinhos do Sul. Quem nos recebe é o seu neto de 9 anos, Gabriel.

Valdeci cultiva o “açai da mata atlântica” em um sistema agroflorestal, junto com bananeiras. Também mantém hortas com diversas verduras, incluindo PANCs, e produz outras plantas nativas, como a jabuticaba, somando mais de 100 espécies. “Aqui não usamos veneno”, afirma. Seus insumos são folhas verdes e pó de rocha. O modelo alternativo de agricultura rende visitas de várias escolas da região, ONGs ambientais e até de grupos estrangeiros; chegou a ser visitado por uma revista sueca.

Ele mostra a fábrica de extração da polpa da fruta em fase inicial de construção. O prédio é uma bioconstrução que Valdeci está fazendo com apoio de arquitetos de Torres, da ONG Centro Ecológico Ipê.

Os alunos de Engenharia Ambiental observam uma prancha feita de caixinhas de leite que será usada no telhado ecológico, proporcionando isolamento térmico. A proposta para a pintura das paredes, explica Valdeci, é com a própria polpa da juçara, de cor escura e forte. Mas a construção não pode ser totalmente ecológica porque a Anvisa exige o uso de azulejos. Segundo o produtor, a fábrica pretende estimular o cultivo de juçara na região, absorvendo a produção de outros agricultores.

12h^{30min} Almoço na propriedade. Valdeci conta que muitos produtores da região que usavam veneno na lavoura adoeceram ou morreram cedo. “Eu falo que é por causa do veneno, mas eles não acreditam.” O proprietário conta que um dos problemas que enfrenta são os ataques às suas palmeiras com o objetivo de extrair o palmito. “Há uma fábrica clandestina aqui perto.”

14h Iniciamos uma caminhada pela propriedade. O menino Gabriel nos acompanha, sempre conversando com alguém. Passando por hortas, chegamos à agrofloresta.

Valdeci explica que respeita a época das frutas. Nas bananas, também não utiliza nenhum produto, como os que outros produtores usam para acelerar o amadurecimento. Brack pergunta se a produtividade de bananas é a mesma do cultivo tradicional, cujo método é a monocultura. Valdeci responde que não sabe, mas que a renda da juçara compensa. Ao final da caminhada, os proprietários nos oferecem mudas de árvores.

20h Sandro encosta o Azulão na rua Sarmiento Leite, ao lado do prédio do antigo Instituto Parobé. O pessoal se despede e, enquanto uns aguardam carona, outros tomam seus rumos com mala, plantas nas mãos e a mochila nas costas.

Quilometragem do saber

O Instituto de Biociências calcula que um aluno percorre mais de 40.000 km ao longo da graduação. A Agronomia não tem um cálculo preciso, mas a estimativa apontada pela direção da faculdade é de pelo menos 20.000 km. A Geologia não possui estimativa de distância. Segundo a Comissão de Graduação do curso, cada aluno realiza no mínimo duas saídas por ano – uma delas, de longa duração, por volta de 10 dias. Os destinos abrangem todas as regiões do estado e chegam até a região centro-oeste do país.

Repertórios distintos

A maioria da turma é composta de alunos da graduação em Engenharia Ambiental: são 17, que têm a cadeira de Manejo e Conservação como obrigatória no oitavo semestre. É a primeira vez que passarão a noite em campo; a expectativa é positiva, pelas experiências que poderão obter em uma atividade de um departamento diferente. Há neles uma identidade de grupo, e sempre há alguém puxando conversa. Grande parte desse pessoal ocupa a metade final do ônibus.

Ironicamente, a cadeira, que é da Biologia, é eletiva para o curso. São apenas três alunas, duas delas especiais, já formadas. Claudine Abreu é graduanda e acompanha o grupo porque participa de um projeto de extensão com o professor Brack, cujo objetivo é a valorização da biodiversidade. Ela integra a ONG Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais (Ingá). Vanise Sebbem explica que a maioria das disciplinas na Biologia têm um caráter mais técnico, ou seja, de estudo da flora ou fauna de diferentes regiões. Na cadeira de Manejo e Conservação, procura acompanhar o que está sendo feito para a preservação e sustentabilidade na prática. Karen de Freitas é pesquisadora em Botânica e faz a cadeira para se preparar para um mestrado na área.

Completam o grupo Rodrigo Cossio, biólogo, pesquisador do Núcleo de Desenvolvimento Rural e Mata Atlântica (Desma) da UFRGS; Lori Brandt, agrônoma, proprietária de uma fazenda em Vera Cruz que cultiva plantas nativas de vários tipos e integrante da ONG Resgatando o Futuro da Terra; o professor Paulo Brack, mestre em botânica pela UFRGS e doutor em ecologia de recursos naturais pela UFSCar; e eu.

Posicionamento acadêmico

“Trabalhamos o uso de plantas nativas”, diz o professor Paulo Brack. Essa é a posição comum do pessoal da Biologia e parte de um posicionamento crítico em relação à agricultura convencional, que utiliza monoculturas e espécies exóticas. De acordo com essa visão, não só frutas como laranja e maçã servem de alimento a ser cultivado, mas também a pitanga e a jabuticaba, por exemplo.

A agrônoma Lori, na sua propriedade em Vera Cruz, produz cerca de 300 espécies e tem um banco de sementes e uma biblioteca para estimular essa visão de produção entre os agricultores da região, onde há muitas monoculturas de fumo. Na opinião dela, a fumicultura é uma atividade que exige insumos que provocam o endividamento do agricultor, que acaba precisando produzir para pagar essa dívida e não consegue sair desse círculo vicioso.

Já as policulturas, observa Brack, provocam menos impacto e, no caso de espécies nativas, podem ser conciliadas com a preservação. Para o professor, a saída de campo tem entre suas funções mostrar aos alunos essas alternativas.

A abordagem do pessoal da Engenharia Ambiental frente a esses aspectos é um pouco diferente. Em geral, eles se voltam mais para a questão ambiental das fontes de energia, valorizam as novas experiências da saída, mas alguns questionam a possibilidade de sustentar economicamente esse uso da terra em maior escala.



Utilizadas como importante atividade prática, as saídas de campo proporcionam aos estudantes de diferentes cursos a interação com a realidade do interior gaúcho, pelo contato com produtores rurais e demais agentes que, de alguma forma, trabalham com o manejo da terra.

Vargas Llosa, Nobel

Literatura

Escritor peruano veio a Porto Alegre poucos dias após ganhar o prêmio

No dia 7 de outubro, foi anunciado que o escritor peruano Mario Vargas Llosa, 74 anos, havia sido premiado com o Nobel de Literatura de 2010 – distinção que, estava seguro, não receberia, conforme declarou posteriormente. A Academia sueca justificou a escolha do autor por conta “de sua cartografia das estruturas do poder e de suas imagens mordazes da resistência, rebelião e derrota do indivíduo”.

Sergius Gonzaga, professor de Literatura da UFRGS e atual secretário de Cultura de Porto Alegre, diz que há dois aspectos da obra de Vargas Llosa que o qualificam como merecedor do prêmio máximo das letras. O primeiro é a “esplêndida qualidade” de suas narrativas. O outro é a explícita celebração da literatura, que o autor vê “como uma possibilidade de oferecer aos leitores um aprofundamento, uma percepção diferente da vida social e individual, e a criação de uma suprarrealidade que, paradoxalmente, sendo imaginária e ao mesmo tempo real, dá uma noção mais perfeita do que seja a realidade da existência”.

De acordo com Sergius, Vargas Llosa identifica, na literatura, a utopia que se realiza. No posfácio de seu livro “A verdade das mentiras”, uma coletânea de ensaios sobre romances que marcaram o século XX, o escritor afirma que a maior contribuição da literatura ao progresso humano é “recordar-nos (sem se propor a isso, na maioria dos casos) de que o mundo está malfeito, que mentem os que fingem o contrário – por exemplo, os poderes que o governam –, e que poderia estar melhor, mais perto dos mundos que a nossa imaginação e a nossa narrativa são capazes de inventar”.

Talento literário – O professor diz que Vargas Llosa vê o romance como o mais importante dos gêneros da cultura ocidental a partir do seu surgimento. É nele que a civilização se enxerga, mais do que qualquer outra manifestação artística, nos últimos quinhentos anos. Por conta disso, o peruano “celebra intensamente a ficção como uma verdade suprema a partir de uma mentira”. É dessa ideia que surge o título do livro de ensaios mencionado anteriormente.

Sergius acredita que o grande mérito do autor foi sintetizar a ambição realista com o vanguardismo técnico, enriquecendo o realismo. Isso se traduz em um “efeito nervoso e eletrizante de realidade” – quem lê suas narrativas tem a impressão de que está imerso na própria vida. Na opinião do docente, o agora Nobel apresentou, desde os seus primeiros livros, um impressionante repertório de inovações técnicas e se valeu disso para alcançar, em seus textos um conjunto de vários sentidos: histórico, social, psicológico e de discussão sobre a vida e a literatura. “O que sempre me assombrou é que ele surge como um escritor pronto”. Quando publica “A cidade e os cachorros”, que Sergius considera a primeira de uma série de obras-primas, o autor tinha 26 anos.

Vargas Llosa já influenciou diversos escritores latino-americanos. Sergius relata uma conversa com Milton Hatoum – autor do romance “Dois Irmãos”, publicado em 2000 – em que comentou a sua impressão de que a estrutura de



Vargas Llosa disse que a literatura é imprescindível e que sem ela, provavelmente, não se poderia viver

seu romance, a sua montagem, estava próxima à do peruano. E o escritor lhe confirmou que, de fato, buscou em Vargas Llosa o seu modelo técnico de formulação narrativa.

Literatura e realidade – A obra do Nobel é marcada pelo descontentamento com o mundo. Vargas Llosa já escreveu que toda boa literatura é um questionamento radical do mundo em que vivemos. Sergius Gonzaga diz que o peruano tem a tese de que “a verdade da vida se encontra mais propriamente nas ficções do que nela própria, porque essa não obedece a nenhuma lógica ou coerência, ao contrário de um romance. O mundo parece vazio de sentido, e a realidade, tal como é, é incompleta. O escritor está insatisfeito com ela, então cria outra, paralela a essa”.

Uma frase emblemática de como essas ideias são centrais em sua obra foi dita por ele mesmo em Porto Alegre. Instado a falar sobre os escritores que o influenciaram, citou Flaubert (“Mudou minha vida”), Faulkner (“Foi um deslumbramento indescritível ver como, com certa técnica e linguagem, uma história poderia se transformar em algo tão profundo”), Victor Hugo (“A leitura de ‘Os miseráveis’, ainda menino, significou muito”), Malraux (“A condição humana” é uma das minhas

Principais obras

A cidade e os cachorros (1962)
A casa verde (1966)
Os filhotes (1967)
Conversa na catedral (1969)
Pantaleão e as visitadoras (1973)
Tia Júlia e o escrevinhador (1977)
A guerra do fim do mundo (1981)
A festa do bode (2000)
Travessuras da menina má (2006)

grandes experiências como leitor.”) e Tolstoi. Sobre esse último, disse: “Li ‘Guerra e paz’ em um estado de transe, esperando o momento de poder retomar a leitura, porque a vida me parecia infinitamente pobre fora do mundo tão rico e extraordinário desse romance”.

Fronteiras – O escritor esteve na capital uma semana depois de ser agraciado com o Nobel para participar do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento.

Em sua exposição, “Breve discurso sobre a cultura”, comparou a noção que se tem do conceito hoje e em outros momentos históricos, criticou os intelectuais Jacques Derrida e Michel Foucault – este, com certa deselegância – e a banalização da cultura. Esse fenômeno se dá, segundo ele, na me-

didia em que passamos a acreditar que todas as culturas, pelo simples fato de existirem, se equivalem, e as fronteiras entre o que é cultura e o que não é desaparecem. “Hoje ninguém mais é inculto ou, melhor dito, todos somos cultos de alguma maneira”, afirmou. Concluiu sua fala em tom pessimista, dizendo que transformamos a cultura em “um desses vistosos, porém frágeis, castelos construídos sobre a areia que se desfazem ao primeiro bater do vento”.

Durante a sessão de perguntas que se seguiu à palestra, arrancou risadas da plateia ao dizer que foi um político desastroso e que a ambição secreta que mantinha desde jovem de ser um grande escritor como os que o influenciaram o condena a uma eterna frustração. Também se referiu ao Nobel: “Não sei por que me deram o prêmio. Gostaria de pensar que foi por minha obra, por meus livros. Até me constrange um pouco ganhar algo que foi negado a Borges. Mas não me queixo, estou muito contente por recebê-lo”, brincou.

Atitude crítica – Além da palestra, Vargas Llosa concedeu, à tarde, uma entrevista coletiva. Perguntado sobre o que havia mudado em seu modo de pensar a literatura desde a época em que começou a escrever, disse que, nos anos 50, quando era estudante uni-

O político

O compromisso político de Mario Vargas Llosa é forte, ao ponto de o escritor ter se candidatado à presidência do Peru em 1990. Concorrendo por uma coalizão liberal de centro-direita, venceu o primeiro turno, mas perdeu no segundo para Alberto Fujimori, que atualmente se encontra preso por corrupção e violações aos direitos humanos, ocorridas durante seu mandato de dez anos.

Questionado sobre essa experiência, Vargas Llosa considerou-a “não muito grata, mas instrutiva”: “Aprendi que não sou um político e que a política é algo muito diferente do que acredita o intelectual, que a vê desde uma biblioteca como se fosse um mundo de ideias, valores e projetos. Ela está feita disso, mas também de intriga, manobras... Como tudo o que está próximo ao poder, é uma imersão no que há de melhor e pior no ser humano”.

Sergius Gonzaga identifica uma queda na qualidade dos romances do autor em um período que inicia por volta da época de sua atividade política – algo circunstancial, possivelmente. “Ele nunca escreveu livros ruins, mas em determinado ponto há uma descida de qualidade. Não é uma involução, mas ele havia se estabilizado como um escritor que tinha sido genial na juventude e, depois, medianamente bom. Com ‘Travessuras da menina má’, que considero um grande romance, ele recupera o seu poder de narrativa.”

Vargas Llosa relatou sua tentativa fracassada de se eleger presidente em um livro de memórias lançado em 1993, “O peixe na água”.

versitário, sentia-se muito estimulado pelas ideias de engajamento político do filósofo francês Jean-Paul Sartre. Com o passar dos anos, deixou de acreditar nesses conceitos. “É evidente que a literatura não produz mudanças históricas imediatas e, portanto, não pode ser convertida em um instrumento de ação política”, afirmou.

Isso não significa, no entanto, que ela não deixa marcas; pelo contrário, o faz, e de uma maneira muito profunda. “A literatura atua de uma maneira lenta, indireta, pela consciência e pela sensibilidade das pessoas. Ela provoca, na sociedade uma espécie de mal-estar frente ao mundo tal como ele é, de que sempre resulta uma atitude crítica frente a todos os aspectos da realidade.” É por esse motivo, segundo ele, que os governos autoritários impõem restrições e censura a obras literárias: porque entenderam a literatura como um perigo.

“Mudei muitas coisas, mas não uma ideia básica, a de que a literatura é imprescindível, e que provavelmente sem ela não se poderia viver. Isso eu pensava quando descobri a leitura e sigo pensando hoje com a mesma convicção”, concluiu.

João Flores da Cunha, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico



“Passo a passo”

Terapia celular

Estudos com células-tronco avançam gradualmente no Brasil e no mundo

No dia 14 de outubro, o professor Antonio Carlos Campos de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ministrou, no Salão de Atos da UFRGS, a aula magna intitulada “Células-tronco: uma esperança para a medicina regenerativa?”.

Carvalho é uma das maiores autoridades do Brasil na área. É o coordenador de ensino e pesquisa do Instituto Nacional de Cardiologia Laranjeiras (INC), onde desenvolve estudos sobre o uso de células no tratamento de cardiopatias – doenças que afetam o coração. Ele também coordena a Rede Nacional de Terapia Celular, que congrega os vários grupos que trabalham com células-tronco no país.

Tratamento via SUS – No INC, Carvalho está desenvolvendo um estudo, ainda em fase de recrutamento, com 1.200 pacientes que sofrem de doença isquêmica crônica, doença de Chagas ou cardiomiopatia dilatada, ou tiveram infarto agudo do miocárdio. O objetivo é verificar se a terapia com células retiradas da medula óssea dos próprios pacientes traz algum benefício para eles. Carvalho, porém, ressalta que esse tratamento não é feito exclusivamente a partir de células-tronco. “Na realidade, estamos usando uma mistura de células em que o percentual de células-tronco é muito baixo, não chega a 2%”, alerta.

O pesquisador explica por que esse método foi adotado: “O processamento que deve ser feito com as células dessa solução é bastante simples, rápido e barato. Portanto, é o que mais interessaria ao Sistema Único de Saúde (SUS)”. Segundo ele, há indicações, baseadas em estudos clínicos, de que essa mistura traria benefícios para pacientes com infarto agudo. “Nós estamos primeiro verificando esse tipo de solução. Se der certo, ótimo. Se não, vamos tentar outras, mais sofisticadas, que certamente vão custar mais caro e demandar uma especialização maior. Estamos começando pelo mais simples”, diz. A preocupação com os custos e a abrangência do possível tratamento se justifica porque o Instituto Nacional de Cardiologia está ligado ao Ministério da Saúde.

Controlando expectativas – O alerta de Carvalho de que esse estudo inicial não envolve apenas células-tronco dá uma dimensão do cuidado que os pesquisadores têm quando falam sobre o tema para pessoas que não são da área. Além de deixar claro que a terapia celular não se restringe a esse tipo de célula, manifestações como essa também servem para evitar que se criem expectativas que tenham pouco ou nada a ver com a realidade. As células-tronco são tratadas, por vezes, como se fossem uma espécie de milagre da ciência. A própria definição de sua capacidade impressiona: originar qualquer tipo de tecido no organismo, caso recebam o estímulo certo.

As células-tronco são classificadas em adultas e embrionárias, distinção que diz respeito ao modo como elas são obtidas. Assim, a pesquisa se desmembra em duas grandes áreas. As

adultas são provenientes de tecidos já formados e podem ser retiradas da medula óssea, do cordão umbilical e de outras partes do corpo. As pesquisas clínicas nessa área estão mais consolidadas. Sabe-se, porém, que esse tipo de organismo tem um potencial limitado de diferenciação. Já as células extraídas do embrião humano têm um potencial muito maior, podendo se transformar em qualquer um dos mais de 200 tipos diferentes de célula do corpo humano adulto.

Essa divisão não significa, no entanto, que os maiores avanços nas pesquisas se deem necessariamente com as células embrionárias, como explica Carvalho: “Atualmente, há várias alternativas, e algumas delas são mais interessantes em termos de terapia para o paciente do que as embrionárias, como as células induzidas à pluripotência”. Trata-se de uma célula adulta, do próprio paciente, que pode ser manipulada pelos cientistas e adquirir características praticamente idênticas às embrionárias. Uma célula pluripotente pode dar origem a praticamente todos os tecidos do corpo humano. Em relação às embrionárias, a vantagem seria evitar a rejeição imunológica, uma vez que o paciente estaria sendo tratado a partir de seu próprio organismo. Isso não eliminaria, porém, a possibilidade de formação de tumores, “um risco ainda razoável que precisa ser melhor estudado e controlado nos dois tipos de célula”, conforme o pesquisador.

Filão lucrativo – O que há de mais avançado em termos de pesquisa com células embrionárias é o trabalho desenvolvido pela empresa americana Geron, que foi autorizada, no final de julho, a injetar essas células na medula de pacientes paraplégicos. É a primeira vez que testes em humanos são aprovados. Isso não significa, no entanto, que já não tenham sido feitos. Patricia Pranke, professora da Faculdade de Farmácia e chefe do Laboratório de Hematologia e Células-tronco da UFRGS, alerta para a existência de grupos espalhados pelo mundo que afirmam estar aplicando células embrionárias em pacientes. Segundo ela, esse tipo de pesquisa não é sério e envolve procedimentos que “nenhum país ético faria”. “Há um mercado com as células-tronco. As pessoas se iludem com um milagre, pagam 20, 30 mil dólares e acham que vão melhorar de uma hora para outra. É muita irresponsabilidade injetar células-tronco nos pacientes sem saber se isso é realmente seguro”, diz.

O desafio dos estudos sobre o potencial terapêutico das células-tronco é aliar eficácia e segurança. Patricia faz questão de deixar claro que as pesquisas são apenas isto, por enquanto: pesquisa. “O único uso consagrado das células-tronco é o transplante de medula óssea no tratamento de doenças hematológicas, como leucemia e linfoma. Todo o resto é pesquisa”, afirma.

João Flores da Cunha, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabrice



O pesquisador da UFRJ Antonio Carlos Campos de Carvalho durante a aula magna ministrada em 14 de outubro no Salão de Atos

Futuro

A aula magna de Antonio Carvalho trouxe a palavra “esperança” em seu título. Questionada sobre o que se pode esperar do futuro das pesquisas com células-tronco, Patricia Pranke se diz “cautelosamente otimista” e justifica: “Não há como não ficar otimista frente a algumas coisas fantásticas que esses estudos nos proporcionaram. Quinze anos atrás, era lei da neurociência: lesões em células do Sistema Nervoso Central nunca se regeneram. Hoje, sabe-se que é possível”. Segundo ela, as células-tronco representaram uma quebra de paradigma. A lembrança do cenário da década passada evidencia como os estudos são recentes – tanto Patricia como Antonio Carvalho trabalham com células-tronco há cerca de dez anos, apenas.

Quanto à cautela, ela alerta que não se podem tratar as células-tronco como se fossem milagre, e sim como o que realmente são: ciência. Isso demanda entender que existe um caminho enorme para percorrer até que se efetive o tratamento: “Qualquer remédio que vai para a prateleira da farmácia foi estudado durante dez anos, no mínimo. Por que com as células-tronco vai ser diferente? Não podemos criar uma expectativa irreal para o paciente. Independentemente do país, seja de primeiro ou terceiro mundo, deve-se seguir um step by step [passo a passo] por algum tempo para garantir a segurança do paciente”, afirma.

Direito à vida

Os estudos sobre o potencial terapêutico das células-tronco avançaram muito nos últimos anos, mas os resultados poderiam ser melhores, não fossem as limitações que conservadores impõem em relação às pesquisas com as células embrionárias. Essas restrições se baseiam em uma concepção mantida especialmente por religiosos, que partem do pressuposto de que os embriões são seres vivos. Como esses são destruídos após serem utilizados pelos cientistas – mas não em todos os casos –, considera-se que lhes teria sido negado o direito à vida.

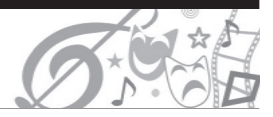
Patricia Pranke chama atenção especial para um aspecto da discussão: “O útero não pode ser desconsiderado. As pessoas não podem achar que vida é só a união do óvulo com o espermatozoide. Sem o útero, não existe desenvolvimento do ser. Isso é tão fundamental que a própria religião considera sagrada a mãe, porque ela é quem dá a vida a partir do seu útero, que permite que o pré-embrião vire um ser humano”.

Independentemente das indefinições éticas e jurídicas sobre quando a vida começa, o fato é que as pesquisas com células-tronco estão sujeitas a sofrer restrições caso conservadores cheguem ao poder. Nos Estados Unidos, George Bush proibiu, no ano de 2001, que recursos federais fossem destinados a novos estudos com células embrionárias, direcionando-os apenas a experimentos que já estavam em

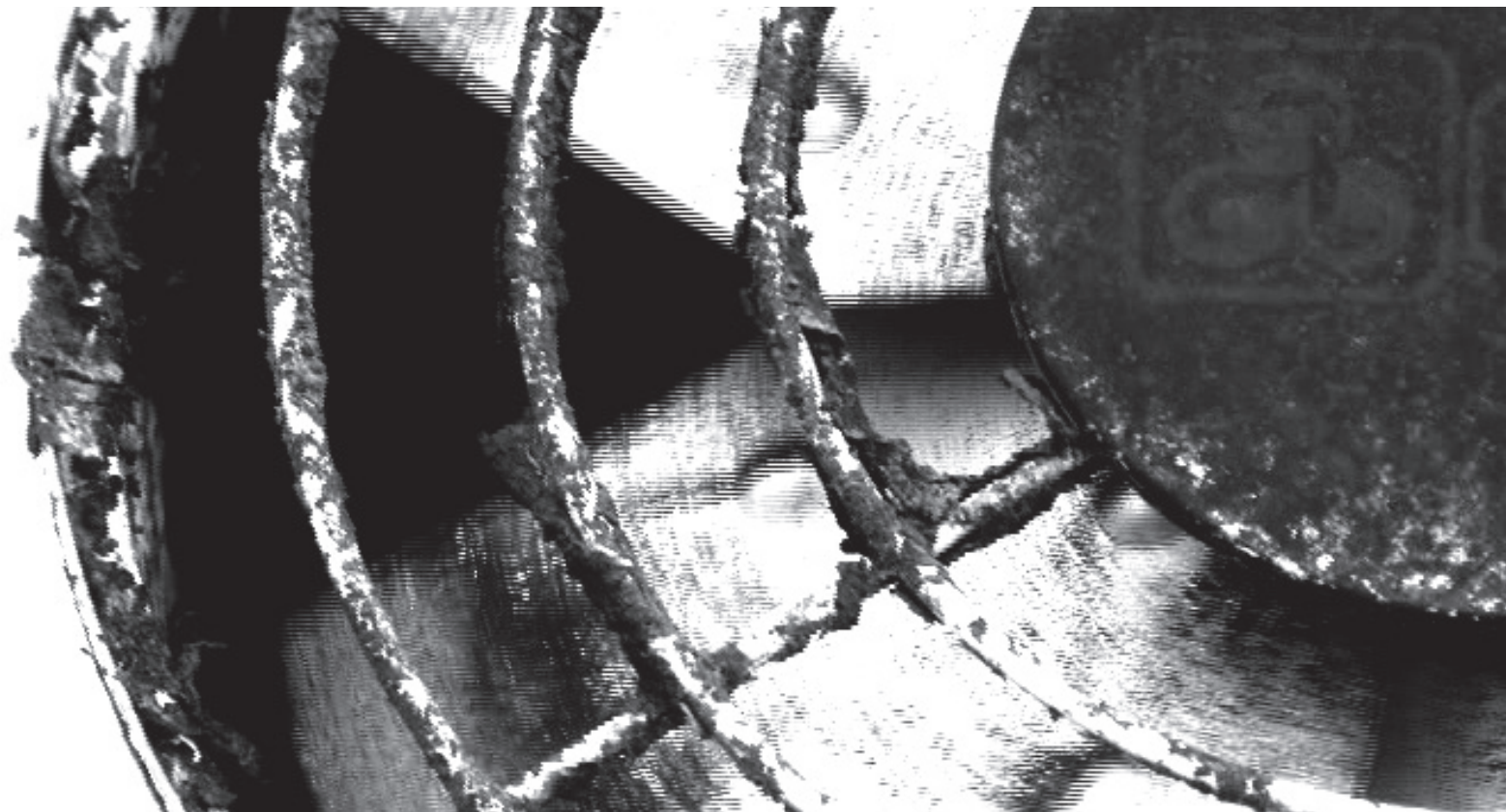
curso. Barack Obama acabou com essa determinação logo após assumir. Porém, como não há uma decisão definitiva, o financiamento pode ser suspenso por liminares concedidas por juízes federais, como aconteceu recentemente.

Antonio Carvalho diz que não há motivos para se preocupar com um eventual passo atrás do Brasil: “Nós temos uma garantia dada pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Não acredito que algum novo governo fizesse uma política de retirar o financiamento da pesquisa nessa área, até porque a sociedade brasileira já se manifestou a favor”. Em 2008, o STF julgou improcedente uma ação de inconstitucionalidade contra o 5.º artigo da Lei de Biossegurança, liberando, assim, a pesquisa com células-tronco obtidas de embriões humanos produzidos por fertilização *in vitro*.

Patricia Pranke, que contribuiu, junto com Mayana Zatz, da Universidade de São Paulo (USP), para redigir a Lei de Biossegurança, aprovada em 2005, afirma que a decisão do Tribunal acabou com a insegurança que havia na comunidade científica sobre o uso das células embrionárias. Segundo ela, o Brasil foi um dos poucos países no mundo a levar a definição até a máxima Corte. “Uma vez que o Supremo decide, dificilmente volta atrás. Hoje temos a segurança de poder trabalhar com essas células”, comemora.



Trabalho do aluno Diogo Dornelles, um dos vídeos que foram destaque da edição de 2009 da Mostra Vaga-Lume



REPRODUÇÃO

As artes do vídeo

Videoarte

Mostra promovida pelo Instituto de Artes exhibe produções de estudantes, professores e artistas

Os meios de produção audiovisual têm sido objeto de experimentações artísticas radicais pelo menos desde os movimentos históricos de vanguarda do início do século XX, dentre os quais o construtivismo, o dadaísmo e o surrealismo. Em particular, o fascínio dos primeiros vanguardistas pelo então recente meio do cinema é quase tão extremo quanto o empenho com que souberam manipular seus recursos técnicos para implodir as formas tradicionais de fazer e de apreciar arte.

A segunda metade do século XX trouxe aos artistas um novo meio – oriundo não da fotografia, como o cinema, mas da eletrônica –, que permitiu dar prosseguimento às experimentações audiovisuais dos vanguardistas: o vídeo. Ao que tudo indica, o sul-coreano Nam June Paik foi o pioneiro da experimentação artística do vídeo (videoarte) quando, em 1963, lançou sua instalação *TV magnet*, na qual dispôs vários aparelhos de televisão exibindo imagens distorcidas por ímãs. Entre questionamentos sobre a representação artística no vídeo e afirmações controversas (“a arte é pura fraude; você só precisa fazer algo que ninguém tenha feito antes”, proferida a um jornal coreano), Paik cunhou o termo “autoestrada da informação”, em 1976, tendo sido um dos primeiros artistas a incorporar as telecomunicações a seus projetos artísticos. Com o vídeo, o imaginário da aldeia global adentra a arte.

O vasto campo de experimentação da videoarte contemporânea superou o território da imagem eletrônica para abranger também o da imagem digital. Exibir uma parte da nova produção de jovens videoartistas é uma das propostas da nona edição da Mostra Vaga-Lume, realizada pelo Instituto de Artes da UFRGS entre 21 e 29 de outubro.

Participação ampliada – Até a edição passada, a Mostra enfocava a produção dos alunos do IA, salvo raras exceções. A novidade deste ano é que alunos do curso de artes de outras universidades federais do Rio Grande do Sul (da UFSM, da UFPel e da FURG) foram convidados a enviar seus trabalhos. Uma comissão de três professores escolheu dez vídeos de alunos do IA, enquanto as produções dos demais estudantes foram selecionadas por docentes das próprias instituições convidadas: “Pelotas enviou cinco vídeos; Santa Maria, três; e Rio Grande, quatro”, contabiliza a professora e videoartista Maria Lucia Cattani, organizadora do evento. Os professores também puderam participar da Mostra na condição de *hors concours*.

O único limite imposto à liberdade dos artistas é o tempo: todos os vídeos participantes do Vaga-Lume não podem passar dos três minutos de duração cada um, de tal forma que a exibição completa dos trabalhos

jamais exceda uma hora. Todo ano, um bolsista de Iniciação Científica ou de Extensão trabalha junto com Maria Lucia na organização, confeccionando o folheto e a vinheta que será veiculada entre a exibição de cada vídeo. Ao final da Mostra, professores do Instituto oferecem uma premiação simbólica para dois vídeos que tenham se destacado, o chamado troféu “Vagalito”.

Eduardo Galon, que participa desde 2008 do Vaga-Lume, foi um dos estudantes premiados no ano passado com o troféu. Sua experiência com ilustrações e gravura o levou a fazer um vídeo de animação. “O vídeo, como ferramenta, pode conciliar pintura, desenho, tudo em movimento ao mesmo tempo, e é uma forma mais simples de mostrar no que você está trabalhando”, afirma. Segundo a bolsista de Iniciação Científica Leticia Bertagna, encarregada de auxiliar na organização da Mostra, houve um notável crescimento na quantidade de animações exibidas desde o ano passado.

A primeira edição da Mostra Vaga-Lume ocorreu em 2001: “Eu vi que os alunos do Instituto de Artes estavam fazendo vídeos, mas não tinham onde mostrar. Não havia ainda disciplina específica para o vídeo. Aí achei interessante organizar uma mostra, que desde então acontece ininterruptamente uma vez por ano”, conta Maria Lucia. O curso de Artes Visuais do IA, no entanto, tem explorado a produção audiovisual. Segundo o estudante Juliano Ventura, que participa do Vaga-Lume desde sua sétima edição, houve muitos avanços nesse sentido, tanto na infraestrutura quanto no currículo: há um laboratório de vídeo bem equipado, com disponibilidade de câmeras para empréstimo, além de disciplinas de laboratório de vídeo voltadas ao

experimentalismo audiovisual. “Entrei na turma que pegou o currículo novo e, das áreas do Instituto, acho que essa é a mais bem estruturada, a que tem mais equipamentos e possibilidades de uso”, afirma Juliano.

Muitos alunos que exibiram suas produções pela primeira vez no Vaga-Lume acabaram ganhando visibilidade em outros eventos. Os vídeos da sétima edição da mostra chegaram a ser exibidos em Londres por intermédio do então artista convidado Kier Williams. É o caso do trabalho que Juliano inscreveu nesta edição: “Neste ano, vou para Vitória, para um Encontro de Performance, com o vídeo feito em dupla [com Leticia Bertagna] que está no Vaga-Lume”, diz.

Experiências diversas – A cada edição do Vaga-Lume, são exibidos dois vídeos de autoria de um artista convidado. Em geral, os convidados, além de destacados videomakers, são vinculados a universidades brasileiras ou estrangeiras e encabeçam importantes projetos de pesquisa em videoarte. É o caso do artista e performer inglês Keir Williams, convidado para a Mostra em 2008, assistente do grupo de pesquisa Fade (Fine Art Digital Environment), da University of the Arts de Londres. Nesse grupo, ele estuda a relação entre corpo performático e meios digitais. André Parente, convidado da edição de 2009, é pesquisador do Núcleo de Tecnologia da Imagem (N-Imagem) da UFRJ.

Este ano, a artista convidada é Leila Danziger, que trilhou uma longa trajetória nas artes plásticas antes de iniciar seus trabalhos em videoarte. Maria Lucia destaca que a vinda de uma artista com experiência em outra área, além do audiovisual, é uma novidade para o Vaga-Lume.

Leila Danziger: poética da memória e do esquecimento

A memória, o esquecimento e a experiência temporal do sujeito são as linhas mestras do trabalho artístico de Leila Danziger. Seus projetos exploram a intertextualidade com a poesia e a busca da materialidade da palavra escrita: “Acho que sempre procuro, em todos os meios com os quais trabalho, uma forma de escritura. Em meu trabalho, mesmo que as palavras apareçam apagadas, elas estão presentes como vestígios, como rumores, e assim guardam potência”, afirma a artista plástica.

Artista convidada desta edição do Vaga-Lume, Leila exibiu dois vídeos que abordam uma dimensão audiovisual dessa escritura. Um deles, intitulado *Três minutos e meio para lembrar esquecimentos*,

pretende mostrar a leitura como um ato performático que envolve a presença concreta dos gestos e do corpo humano. O título do outro vídeo, *Mares poderão subir por mais mil anos*, foi encontrado pela artista nas páginas do caderno de ciência do jornal Folha de S.Paulo: “[a frase] não poderia ser simplesmente jogada fora. A frase me acompanha há uns dois anos e reaparece de modos distintos em alguns trabalhos”, comenta.

A escritura jornalística, aliás, tem sido abordada por Leila. Para ela, ainda que a escrita dos jornais se destine ao esquecimento, algo há que mereça ser preservado: “Parece que a cada dia, em cada jornal, há uma ou mais imagens que resistem ao desapare-

cimento. O meu trabalho é identificar e dar forma a essas pequenas resistências”.

Em um de seus projetos, *Diários Públicos*, Leila desbotou as palavras impressas de várias páginas de jornais, deixando apenas algumas imagens. Apagando a linguagem instrumentalizada do jornal, ela o revela como espaço do esquecimento contemporâneo. Mais que isso, transforma a página do jornal em material do trabalho artístico – portanto, pense o leitor uma vez mais antes de jogar fora este jornal.

Fernando Costa, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

JU indica

Dicionário Político do Rio Grande do Sul (1821-1937)

Sérgio da Costa Franco
Suliani Letras & Vida, 2010, 1.ª edição, 222 pág.
R\$ 40 (valor médio)

O dicionário é o resultado de um trabalho minucioso de pesquisa: os mais de quinhentos verbetes do livro abrangem políticos,

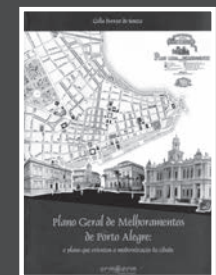


pensadores, instituições, partidos e periódicos políticos de uma época crucial para a formação política do estado, de 1821 a 1937, desde a Independência do Brasil até a ditadura do Estado Novo. O receio de fazer referências a pessoas vivas ou a agremiações políticas recentes levou o autor a limitar sua pesquisa a esse período de pouco mais de 100 anos em que o Rio Grande do Sul foi palco de pelo menos três revoltas de repercussão nacional: a Revolução Farroupilha, a Revolução Federalista e a menos conhecida rebelião de 1923. Registrar a singularidade da história política dos gaúchos em relação aos outros estados brasileiros foi uma das principais motivações do advogado e historiador Sérgio da Costa Franco para compor a obra. Os verbetes são acompanhados de ilustrações de políticos, fotografias de prédios históricos e reproduções de jornais de grande importância para a vida política daquele período. Este é, em suma, um desses livros de consulta indispensáveis para se conhecer melhor a formação política do estado e de suas instituições, e certamente despertará o interesse de historiadores, estudantes e do leitor interessado. (Fernando Costa)

Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade

Celia Ferraz de Souza
Amazém Digital, 2010, 2.ª edição, 270 pág.
R\$ 80

Resultado da tese de doutoramento da autora, em 2005, pela USP, este livro, em uma edição revista e ampliada, se propõe a esmiuçar o Plano Geral



de Melhoramentos de Porto Alegre de 1914, que orientou a modernização urbana da capital gaúcha – uma das primeiras cidades do Brasil a criar um plano urbanístico geral, que se integrou à estrutura da cidade ao longo do século XX. O livro mostra como as grandes mudanças socioeconômicas deste período, a saber, o desenvolvimento industrial pronunciado e a ascensão política do Partido Republicano Rio-grandense, condicionaram esse esforço vultoso, gradativo e permanente de planejamento. Isso numa época em que outras capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, começavam seus projetos de modernização urbanística muito influenciadas pelas “grandes obras” de infraestrutura e reforma que o Barão Haussmann promoveu em Paris no século XIX. O trabalho minucioso de pesquisa empreendido por Celia Ferraz de Souza resultou num relato preciso, que exige alta competência técnica, tanto da concepção do plano pelo engenheiro-arquiteto João Moreira Maciel quanto da sua aplicação na paisagem urbana de Porto Alegre ao longo de várias décadas. Certamente, um bom referencial para os que estudam não só arquitetura, bem como o complexo processo de modernização periférica do Brasil. (FC)



Cinema na prática

Gigante

Diretor argentino reflete sobre as experimentações audiovisuais na América Latina

Caroline da Silva

O portenho Adrián Biniez reconheceu que a prática das sessões comentadas é recente em sua vida. Neste ano, o diretor argentino esteve em duas universidades na Espanha (do País), em São Paulo. Os convites decorrem dos prêmios recebidos no ano passado pelo longa *Gigante* (URU, 2009, 90 min), coprodução uruguaia, argentina e holandesa, que ganhou o Urso de Prata no Festival de Berlim e recebeu as distinções de melhor ator, roteiro e filme pelo Júri Popular no 37.º Festival de Gramado.

Pela primeira vez em Porto Alegre, o cineasta participou da programação do 11.º Salão de Extensão da UFRGS. A exibição do título premiado no ciclo Encontros e Desencontros, na Sala Redenção, foi possível graças à parceria com o projeto do Circuito Cinema Universitário, iniciativa da Medio & Medio Films, mesma produtora do filme, e dos ministérios de Turismo e de Educação e Cultura uruguaia.

Trajatória artística – Biniez não se considera um ator (participou de *Whisky*, filme uruguaio de 2004, a convite de amigos – “Sou muito ruim”). Ele é, antes de tudo, músico. Foi cantor e compositor da banda Reverb antes de se mudar para Montevidéu, há seis anos. Atualmente, é o vocalista do grupo Federico Deutsch, que toca rock indie e eletrônico: “Um pouco de tudo”. Suas preferências musicais, aliás, estão refletidas em *Gigante*: tanto o protagonista como a mulher por quem ele se encanta curtem rock pesado, que se torna trilha do filme.

Na TV Ciudad, do governo da capital uru-

a universitário REDEÇÃO



Adrián Biniez esteve na Universidade durante o 11.º Salão de Extensão

guaia, quase sempre vestido de gorila, ele faz parte de um programa de humor político, chamado Reporte Descomunal. Segundo o cineasta, tal atração é mais bizarra que o semelhante CQC – Custe o que custar.

O processo de produção de *Gigante* durou cinco anos, iniciando em 2004, quando o roteiro foi escolhido para participar do projeto da Fundação Carolina, entidade espanhola que recebe roteiristas e produtores de língua latina em Madri-

para dois meses de cursos. No entanto, Biniez já estava com sua história bem adiantada. “Não estudei cinema. E não pretendo estudar. O bom da universidade é encontrar pessoas que querem a mesma coisa que tu. A parte prática se aprende fazendo. Para ser diretor, não tem que saber muito de nada. Para ser fotógrafo, sim. Eu escrevo os roteiros, é mais fácil para mim.”

Além do roteiro e da direção, o que chamou muito a atenção da crítica foi a atuação de Horacio

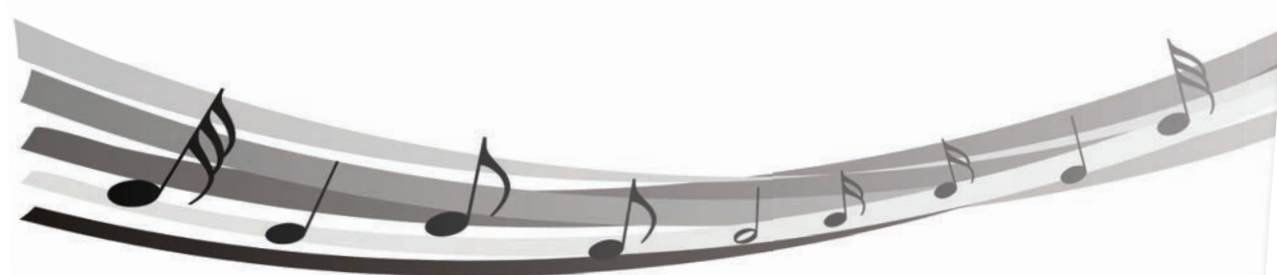
Camandule no papel principal: “Ele foi o primeiro a fazer o teste. No roteiro, o personagem tinha exatamente as características físicas do Horacio. Ele é ator de teatro, mas como no Uruguai é muito difícil viver de atuar, é também professor de escola primária e não tinha feito nada em cinema”. E, assim, o primeiro longa-metragem do argentino logo foi indicado a 10 categorias, incluindo os principais prêmios do César, conhecido como o Oscar francês.

Referências cinematográficas – Do cinema brasileiro, o diretor disse admirar a obra de Glauber Rocha: “O melhor de toda a América Latina”. Também contou que se identifica com os filmes do gaúcho Jorge Furtado, recordou a filmografia antiga de Sylvio Back (citando *Índio do Brasil*) e narrou que recentemente se impressionou com o longa de Esmir Filho, *Os famosos e os duendes da morte*, exibido em um festival em Punta del Este. Outro título contemporâneo de que também disse gostar muito é *Viajo porque preciso, volto porque te amo*, de Marcelo Gomes e Karim Ainouz.

Adrián Biniez não sabia que o escolhido brasileiro para ser o representante na disputa aos indicados do Oscar estrangeiro havia sido *Lula, o filho do Brasil*. “Que bueno! Bueno de bizarro um país eleger um filme que fala do seu presidente atual”, exclamou, rindo, parecendo não acreditar.

Outra surpresa sua quanto à sétima arte no Brasil – além da quantidade de títulos lançados ao ano – foi entender o sistema de patrocínios à produção audiovisual via benefícios de renúncia fiscal. Ele contou que na Argentina há, sim, apoio do governo: a “Lei del cine” existe há mais de uma década e esse auxílio é necessário. No Uruguai, por sua vez, o suporte governamental é recente. Conforme informaram o cineasta e seu produtor Gonzalo Lamela, a legislação tem somente um ano de regulamentação.

Novas produções – Biniez está trabalhando em um roteiro novo, de um filme ficcional que se chamará *5 de Talleres*. Trata do dilema de um jogador veterano da equipe Talleres, do bairro Remedios de Escalada, na capital argentina. Aos 35 anos, casado, o camisa 5 do time da quarta divisão da Grande Buenos Aires precisa de dinheiro e está em fim de carreira. No entanto, o diretor adianta que não tem nenhuma previsão para rodar o longa, pois não dispõe de recursos – ainda mais que esse ele vai querer fazer em seu local de nascimento.



No tom

Piano, Chico e Repique. São esses os nomes dos três tambores que costuram o tapete rítmico do candombe, música típica do Uruguai. O primeiro, grande, produz um ruído forte, dando as linhas de base da percussão. O segundo – como o próprio nome indica, menor – define o ritmo aos outros três. O terceiro, de tamanho médio, improvisa frases de resposta na conversa entre os toques dos tambores. Juntos e nessa ordem, formam *una cuerda*. Assim é o Rey Tambor.

No show de setembro do Unimúsica, os toques das mãos de Diego Paredes, Fernando Núñez e Noé Núñez fundiram-se às melodias produzidas no piano pelos dedos ágeis do músico Hugo Fattoruso, trazendo a Porto Alegre algumas das tantas sonoridades do país vizinho, logo ali ao sul. Mas não foram apenas as sonoridades uruguaias que se espalharam pelo Salão de Atos da UFRGS.

Na noite anterior ao espetáculo, a oficina com os quatro músicos rendeu algumas imagens men-

tais sobre toda cultura que rodeia o candombe. Os olhares atentos dos mais de 30 participantes acompanhavam a explicação de Fernando Núñez sobre a organização tradicional dos grupos. O músico de fala lenta, arriscando-se na língua portuguesa, explicou desde a confecção dos instrumentos até o seu ganhar a vida nos desfiles pelas ruas de Montevidéu.

Llamadas. Assim se chama a conversa entre tambores, nas *cuerdas*. Hugo Fattoruso – um “branco atrevido”, como ele se denomina por arriscar-se num ritmo próprio da cultura africana, surgido entre os escravos de Montevidéu – imita o ruído da percussão com a própria boca, explicando que cada movimento do percussionista gera uma resposta específica de outro. Piano, Chico e Repique conversam loquazmente, e tal conversa ganha nuances diferentes de acordo com cada *barrio* em que nasce.

A trajetória musical de Fattoruso é eclética,

tendo realizado trabalhos em jazz e rock. Sua aproximação com o candombe e com o grupo Rey Tambor foi natural, numa parceria que já dura sete anos e rendeu três CDs. “Eu sou amigo dos pais deles e os conheci de molequinhos, quando brincavam na porta da casa de chinelo e short”, comenta, acrescentando que os pais dos três percussionistas fabricam tambores artesanamente.

Inserir a melodia e as letras de compositores no ritmo dos tambores é o papel desse senhor com jeito de menino. “Trabalho que exige muito cuidado para não desrespeitar a base rítmica do candombe, dada pelo Rey Tambor”, observa perspicaz. No show foi possível observar o alargamento que o seu toque dá ao ritmo tradicional: passou por músicas do repertório do candombe, mas também por suas próprias composições e adaptações. Melodias brasileiras de compositores como Chico Buarque surpreenderam o público, que pôde cantar junto ao músico, esforçado na tarefa de imitar o nosso

sotaque.

A proximidade do brasileiro com o ritmo afro-uruguaio é evidente, o que explica o sucesso da formação pelas três cidades brasileiras por que passaram. Curitiba, Pelotas e, por último, Porto Alegre, vibraram juntas com o som de Rey Tambor e cantaram no mesmo tom da voz de Hugo Fattoruso. Até mesmo participantes da oficina deram-se a liberdade de levar os seus tambores à ocasião para tocarem juntos. O Unimúsica resultou numa *llamada* para além da conversa entre tambores: chamou para uma conversão, um diálogo entre os diversos pontos desse vibrante e peculiar universo situado ao sul das Américas, em que os interlocutores podem ser Piano, Chico, Repique, mas também um especial tambor – aquele que se chama *plateia*.

Mariana Sirena, estudante do 8.º semestre de Jornalismo da Fabrice





DESTAQUE

Diversidade crítica

FEIRA DO LIVRO Editora da Universidade lança títulos

O mês de outubro já antecipa a aura literária que toma a capital gaúcha nesta época. E os olhos da Universidade também se voltam para a Praça da Alfândega nesse período. Todos os anos, a UFRGS participa da Feira do Livro de Porto Alegre com um estande de livros da sua editora para venda e lança títulos no evento, com sessões de autógrafos integrando a programação oficial da maior feira livreira a céu aberto das Américas. O leitor pode conferir abaixo a agenda dos autógrafos.

Entre o rol de publicações, chama a atenção o estudo de Denise Mallmann Valerius, que fez doutorado em Literatura Comparada na UFRGS e até ano passado atuou como professora substituta no Instituto de Letras. Na obra *Borges em nova tradução: regionalismo para além das fronteiras*, a pesquisadora faz uma avaliação das traduções brasileiras dos contos *orilleros* do escritor argentino Jorge Luis Borges. “Eles são situados no arrabalde de Buenos Aires, um entre lugar – local entre a

cidade e o pampa. Então, é um homem que não pertence nem ao mundo urbano nem é mais o gaúcho argentino que havia. Esses personagens do Borges se caracterizam por uma fala peculiar: não é o espanhol culto, existem traços regionais de linguagem. E quando isso aparece na literatura de Borges, é apagado nas traduções brasileiras, que utilizam o português culto e padrão”, explica Denise.

Conforme a pesquisadora, a crítica literária criou uma imagem desse autor como exclusivamente erudito, dado a questões metafísicas, um escritor universal pouco apegado à realidade, representante da literatura fantástica, labiríntica. “E, na verdade, existe um Borges comprometido com a realidade argentina, com questões locais também. É isso que eu procuro mostrar com o trabalho. As traduções que são feitas acabam se pautando por esse perfil porque é o que vende. Então acabam apagando alguns traços regionais dos textos originais para adequar à imagem que o leitor já tem dele.” A proposta da obra da Editora da UFRGS é resgatar os traços regionais por meio de uma recriação do que existe na literatura brasileira, aproximando a fala dos personagens de Borges à fala dos personagens de Simões Lopes Neto, por exemplo.

EDITORA DA UFRGS - 56.ª FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE (PRAÇA DE AUTÓGRAFOS)

Data/Horário	Obra/Autor	Data/Horário	Obra/Autor
5/11/2010 16:30	Borges em nova tradução: regionalismo para além das fronteiras de Denise Mallmann Valerius	13/11/2010 15:30	Educação em prisões: direito e desafios de Carmem Maria Craidy (org.)
6/11/2010 15:30	Universidade e conhecimento: possibilidades e desafios na contemporaneidade de Emanil Lampert e Maíra Baumgarten (orgs.)	13/11/2010 15:30	Três esquizos literários: Antonin Artaud, Raymond Roussel e Jean-Pierre Brisset de Marcos Eduardo Rocha Lima
7/11/2010 20:30	Paisagem: desdobramentos e perspectivas contemporâneas de Maria Amélia Bulhões e Maria Lúcia Bastos (orgs.)	13/11/2010 15:30	Vidas do fora: habitantes do silêncio de Luciano Bedin da Costa e Tania Mara Galli Fonseca (orgs.)
8/11/2010 15:30	Aportes de desenvolvimento econômico de Claudio F. Accurso	13/11/2010 16:30	Morangos mofados: melancolia e crítica social de Luana Teixeira Porto
9/11/2010 18:30	Guilhermino César: memória e horizonte de Maria do Carmo Campos (org.)	14/11/2010 17:30	Carreira profissional e gênero: trajetória de homens e mulheres na Medicina de Tania Steren dos Santos
13/11/2010 15:30	À flor da Pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo de Leila Domingues Machado		

CINEMA

Ficção científica

Ciclo especial da Sala Redenção traz ficções científicas que questionam o tempo e usam efeitos especiais. Entrada franca.

VIAGEM À LUA + METRÓPOLIS (ALE, 1926, 124 min), de Fritz Lang
O curta-metragem de Georges Méliès mostra as fantasias dos homens quanto à Lua nos primeiros anos do século XX. Já o filme de Lang apresenta uma metrópole do século XXI governada por poderoso empresário, cujos trabalhadores são escravizados por máquinas. Sessões: 3 de novembro, às 19h; 4 de novembro, às 16h

O DIA EM QUE A TERRA PAROU (EUA, 1951, 92 min), de Robert Wise
Espaçonave aterrissa em Washington D.C., trazendo uma mensagem de alerta aos seres humanos. Sessões: 4 de novembro, às 19h; 5 de novembro, às 16h

ALPHAVILLE (FRA, 1965, 99 min), de Jean-Luc Godard
A cidade de Alphaville é comandada pelo computador Alpha 60, que aboliu os sentimentos em seus habitantes. Sessões: 5 de novembro, às 19h; 8 de novembro, às 16h

FAHRENHEIT 451

(EUA, 1966, 112 min), de François Truffaut
Numa sociedade do futuro, a função dos bombeiros é queimar livros. Tudo muda quando um deles conhece uma revolucionária professora. Sessões: 8 de novembro, às 19h; 9 de novembro, às 16h

O PLANETA DOS MACACOS (EUA, 1967, 112 min), de Franklin J. Schaffner
Equipe de astronautas sofre acidente durante viagem interestelar, aterrissando em um planeta governado por macacos. Sessões: 9 de novembro, às 19h; 12 de novembro, às 16h

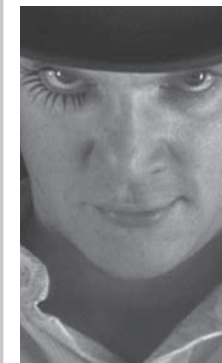
BLADE RUNNER - O CAÇADOR DE ANDRÓIDES (EUA, 1982, 117 min), de Ridley Scott
No ano de 2020, numa Los Angeles superpovoada, ex-policia recebe a tarefa de eliminar um grupo de andróides que retornou à Terra. Sessões: 23 de novembro, às 19h; 25 de novembro, às 16h

BRAZIL - O FILME (BRA/ING, 1985, 124 min), de Terry Gilliam

VIAGEM FANTÁSTICA (EUA, 1966, 100 min), de Richard Fleischer
Cientistas são miniaturizados, empreendendo viagem pelo corpo de um homem para a realização de delicada operação. Sessões: 12 de novembro, às 19h; 16 de novembro, às 16h

2001: UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO (ING, 1968, 148 min), de Stanley Kubrick
Astronautas enviados a Júpiter na nave Discovery investigam um enigmático monólito. Sessões: 16 de novembro, às 19h; 18 de novembro, às 16h

LARANJA MECÂNICA



(ING, 1971, 137 min), de Stanley Kubrick
Jovem delinquente é preso e submetido a um tratamento experimental para controlar seus impulsos violentos. Sessões: 18 de novembro, às 19h; 19 de novembro, às 16h

STAR WARS IV - UMA NOVA ESPERANÇA (EUA, 1977, 125 min), de George Lucas
Num futuro distante, rebeldes roubam os planos de construção de uma poderosa arma de destruição, sendo perseguidos pelo exército do imperador. Sessões: 19 de novembro, às 19h; 22 de novembro, 16h

ALIEN - O 8.º PASSAGEIRO (EUA, 1979, 116 min), de Ridley Scott
Os tripulantes da nave Nostromo respondem a um pedido de socorro vindo de um planeta deserto e se deparam com uma forma de vida mortífera. Sessões: 22 de novembro, às 19h; 23 de novembro, às 16h

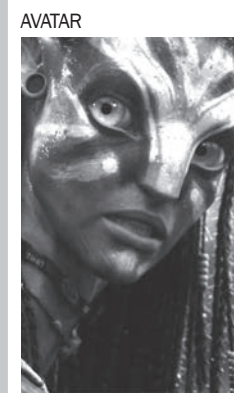
VIAGEM INSÓLITA (EUA, 1987, 120 min), de Joe Dante
Piloto de teste da Marinha comanda submarino miniaturizado através do corpo de um coelho. Sessões: 26 de novembro, às 19h; 29 de novembro, às 16h

MATRIX (EUA, 1999, 136 min), de Wachowski Brothers
Jovem programador tem pesadelos nos quais encontra-se conectado a um imenso sistema de computadores. Sessões: 29 de novembro, às 19h; 30 de novembro, às 16h

Em um estado totalitário, todos são controlados por computadores. Sessões: 25 de novembro, às 19h; 26 de novembro, às 16h

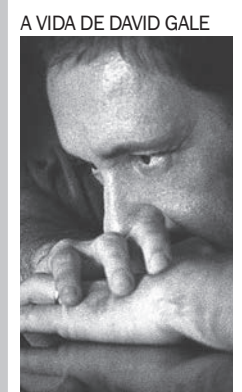
AVATAR (EUA, 2009, 161 min), de James Cameron
Ex-fuzileiro naval parapléjico é enviado a um planeta para descobrir os segredos de seus habitantes. Sessão: 30 de novembro, às 19h

TNT - UMA COMÉDIA EXPLOSIVA
Três macacos em uma crise shakespeariana. Três atores em uma disputa amorosa. Três revolucionários em um assassinato comunista. TNT - Três comédias em um ato. O autor é David Ives e a direção é assinada pelo Grupo. Elenco: Celso Zanini, Philippe Philippson e Luiza Pezzi. Orientação: Inês Marocco e Marco Fronckowiak. Sessões: 3, 10, 17 e 24 de novembro (quartas-feiras) Local e horário: Sala Alzira Azevedo, às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca (mediante retirada de senhas meia hora antes de cada apresentação)



Liga dos direitos humanos
Ciclo mensal que exhibe filmes na Sala Redenção sobre os direitos humanos. Sessões com entrada franca.

A CONFISSÃO (ITA/FRA, 1970, 139 min), de Costa-Gravas
Vice-ministro das Relações Exteriores da Tchecoslováquia é preso sem explicações. Sessão: 10 de novembro, às 19h



A VIDA DE DAVID GALE (EUA, 2003, 130 min), de Alan Parker
Professor universitário é injustamente condenado à pena de morte. Sessão: 8 de dezembro, às 19h

GEERGE

Ciclo promovido pelo Grupo da Educação que estuda relações de gênero e sexualidade. Com entrada franca, na Sala Redenção.

É PROIBIDO FUMAR (BRA, 2009, 86 min), de Anna Muiyler
Baby vive sozinho, tem atrito com as irmãs. Quando o músico Max se muda para o apartamento vizinho, Baby vê nele a grande chance de voltar à vida. Sessão: 17 de novembro, às 19h

TEATRO

Teatro, Pesquisa e Extensão

Espectáculo que integra a programação da 8.ª Mostra Anual Universitária.

TNT - UMA COMÉDIA EXPLOSIVA
Três macacos em uma crise shakespeariana. Três atores em uma disputa amorosa. Três revolucionários em um assassinato comunista. TNT - Três comédias em um ato. O autor é David Ives e a direção é assinada pelo Grupo. Elenco: Celso Zanini, Philippe Philippson e Luiza Pezzi. Orientação: Inês Marocco e Marco Fronckowiak. Sessões: 3, 10, 17 e 24 de novembro (quartas-feiras) Local e horário: Sala Alzira Azevedo, às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca (mediante retirada de senhas meia hora antes de cada apresentação)



ONDE?

Auditorium Tasso Corrêa Rua Senhor dos Passos, 248 - térreo Fone: 3308-4318

Praça de autógrafos da Feira do Livro Av. Sepúlveda, s/n Fone: 3286-4517

Sala Alzira Azevedo Av. Salgado Filho, 340 Fone: 3308-4318

Sala Redenção Rua Luiz Englert, s/n.º Fone: 3308-3933

Salão de Ato Av. Paulo Gama, 110 Fone: 3308-3066

MÚSICA

OSPA-UFRGS

19.º CONCERTO OFICIAL
Em homenagem aos 200 anos de nascimento de Louis Braille, com obras de Chopin, Beethoven e Ginastera. Regência de Manfredo Schmiedt. Data: 9 de novembro Local e horário: Salão de Ato, às 20h30min Ingressos: R\$ 20 na bilheteria do Salão de Ato

ENCONTRO COM A MÚSICA ITALIANA
Maratona musical com obras de compositores italianos sob a regência de Isaac Karabtschevsky. Data: 21 de novembro Local e horário: Salão

de Ato, das 14h às 20h30min Ingressos: R\$ 20 na bilheteria do Salão de Ato

20.º CONCERTO OFICIAL
Evento especial em comemoração ao aniversário da UFRGS, com a Nona Sinfonia de Beethoven regida por Isaac Karabtschevsky. Data: 23 de novembro Local e horário: Salão de Ato, às 20h30min Ingressos: R\$ 20 na bilheteria do Salão de Ato

21.º CONCERTO OFICIAL
Sob a regência de Manfredo Schmiedt,

Abertura sobre três temas russos, de Balakirev, e Scheherazade, op.35, de Rimsky-Korsakov. Data: 7 de dezembro Local e horário: Salão de Ato, às 20h30min Ingressos: R\$ 20 na bilheteria do Salão de Ato

Vale Doze e Trinta
Show com a banda Rádio Rock, que concilia referências clássicas e atuais para criar sua própria música. Data: 9 de novembro Local e horário: Praça Central do Câmpus do Vale, às 12h30min Entrada franca

Informações no site www.difusaocultural.ufrgs.br ou pelos fones 3308-3034/3933

Oficina com Duo Ello

Oficina com o grupo que é a atração do novembro do projeto Unimúsica. Data: 3 de novembro Local e horário: palco do Salão de Ato, às 20h Inscrições: no site www.difusaocultural.ufrgs.br

Unimúsica



O oitavo show da Série Percussionistas apresenta o Duo Ello, de Luiz Guello e Carlos Stasi, dois destacados músicos do cenário instrumental brasileiro.

Data: 4 de novembro Local e horário: Salão de Ato, às 20h Ingressos: distribuição gratuita na bilheteria do Salão de Ato, a partir de 1.º de novembro, mediante a doação de 1kg de alimento

Interlúdio

O projeto traz uma série de recitais de alunos da Universidade. Nesta edição, Rodolfo Faistaur interpretará ao piano obras de Bach, Beethoven e Chopin. Data: 19 de novembro Local e horário: Salão de Ato, às 12h30min Entrada franca

Recitais

Apresentações de alunos do Departamento de Música no Auditorium Tasso Corrêa do Instituto de Artes.

3 DE NOVEMBRO
20h30min: Recital de Piano de Marian Sobula. Concerto Oficial do Ano Chopin.

4 DE NOVEMBRO
12h30min: Sarau do IA/ UFRGS, recital de música erudita.
19h: Recital de Flauta Doce de Vladimir Rodrigues Soares.
20h30min: Recital de Violão de Paulo Martelli.

8 DE NOVEMBRO
17h30min: Sarau de música erudita com alunos do Departamento de Música do IA/ UFRGS.

10 DE NOVEMBRO
20h30min: Recital com a pianista norte-americana Rene Lecunona.

12 DE NOVEMBRO
20h30min: Recital de Graduação em Violão de Felipe Magdalenno.

16 DE NOVEMBRO
18h30min: Recital Duplo de Flauta e Piano de Gabriela Helena Roehrs.
20h30min: Recital Músicas do Nosso Século com obras de Germán Enrique Gras.

Meu Lugar na UFRGS



No coração da Informática

Aos 48 anos de idade, ele trabalha há 32 na UFRGS. Sendo 16 o resultado da diferença, o espanto é inevitável. E se a conta estiver errada, é para mais, e não para menos. “Na realidade, comecei um pouco antes, no Centro de Processamento de Dados. O meu pai, hoje aposentado, trabalhava na marcenaria da Universidade. E quando tinha meus 14, 15 anos, eu dizia a ele que queria trabalhar. Na época, não tinha muito conhecimento, só estudava. Então ele perguntou a um colega sobre uma vaga no CPD. Eles estavam precisando de alguém para a área de protocolo e operação de computadores”, conta Luis Otávio Luz Soares. E complementa: “Isso foi antes do serviço militar; fiquei uns dois anos como bolsista lá e, em 1979, tive um contrato assinado pela Universidade”.

Hoje, o seu cantinho é a sala 237 do prédio conhecido por 72 do Instituto de Informática. Até chegar à porta do final do corredor do segundo andar que apresenta a placa “Chefia dos Laboratórios”, o visitante que não é da área se impressiona com a quantidade de jovens homens em frente a muitos computadores de monitores negros. Naquele andar, são ao todo 150 equipamentos em 37 salas. Nos quatro prédios da complexa unidade, conforme narra Luis Otávio, existem em torno de 100 salas de laboratórios. O que o servidor chama de “coração do Instituto”, a sala 234, identificada como “Servidores e rack central”, é a raiz das 730 máquinas instaladas naqueles prédios.

Como chefe dos laboratórios, ele conta que sua função “é gerenciar todos os laboratórios do Instituto de Informática, toda a parte de equipamentos”. O interessante da trajetória de Luis Otávio (ou L. O., como é conhecido pelos mais próximos em função da sua assinatura de e-mail) é que ele não possui nenhuma formação na área, mas foi recebendo o reconhecimento dos diretores pelo seu empenho: “O meu conhecimento é prático, adquiri aqui dentro”.

Em seu trabalho de administração de laboratório – que se apresentou como o primeiro desafio no Programa de Pós-graduação em Computação, quando a Informática era ainda junto da Engenharia, no Câmpus Centro, em 1981/1982 –, ele encara os professores, os alunos e seus próprios colegas técnicos como clientes a quem deve atender nas melhores condições. Outro episódio significativo foi instalar os laboratórios no Câmpus do Vale, no

recém-construído prédio do Instituto de Informática. Isso ocorreu no início da década de 1990, coincidindo com o nascimento da sua filha: “Um momento importante para mim foi a chegada ao Câmpus e a montagem da infraestrutura de tudo. Me orgulha muito ter vindo para cá como pioneiro. Havia dificuldade de pessoal, não tínhamos muita gente. [...] A Informática deu uma guinada grande nas últimas décadas: nós também precisamos nos atualizar, em um ambiente novo, com problemas de segurança, transporte, locais para alimentação. Vimos com o laboratório de pós-graduação e, logo em seguida, o montamos aqui. Também tenho o maior orgulho de ver os alunos da graduação interagindo com os da pós-graduação, sem diferenciação de categoria nesse sentido”.

Na mesma sala desde a mudança para o Câmpus do Vale, o técnico-administrativo Luis Otávio Luz Soares realmente transformou aquele espaço no seu lugar. No mural da parede, desenhos da filha, fotos como funcionário homenageado nas formaturas (o que acontece com alguma frequência, segundo ele), imagens enviadas por ex-alunos do Instituto que foram trabalhar até no exterior, bem como cartões postais remetidos de diversos locais. Nas estantes, há fotos da filha, ainda criança. Nos objetos pessoais, como o *mouse pad*, o símbolo do Sport Club Internacional. Para o colorado energético, agora é hora de continuar o legado que o professor Clesio Saraiva dos Santos, ex-diretor do Instituto de Informática, já falecido, lhe deixou: usar suas habilidades de gerência na administração do clube, onde já atua como colaborador no grupo em que o professor Clésio trabalhava. Só precisa saber conciliar, porque em sua mesa há uma pilha de e-mails impressos, provavelmente cheios de solicitações. Solicitações essas que também são feitas pelo telefone e pessoalmente, a todo momento, como foi possível constatar durante a conversa no seu cantinho e também pelo corredor do prédio 72.

Caroline da Silva

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil Paixão Côrtes

Tradição Folclorista e patrono da 56.^a Feira do Livro relembra sua passagem pela Faculdade de Agronomia

Ânia Chala

Criado em Santana do Livramento, onde nasceu em 12 de julho de 1927, João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes descende de uma família dedicada à agronomia e à veterinária. Seu pai era engenheiro agrônomo e diretor da Estação Experimental Zootécnica do governo do estado, por isso ele cresceu ouvindo-o falar sobre os problemas da pecuária rio-grandense. Guri, fez parte do antigo curso primário na cidade natal, prosseguindo seus estudos em Uruguaiana. Aos 16 anos, com o pai já falecido, veio para Porto Alegre e concluiu o ginásio no IPA. Como já trabalhava, matriculou-se no curso noturno do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Foi ali que, ao lado de mais sete jovens estudantes [entre eles o historiador Barbosa Lessa], fundou o Departamento de Tradições Gaúchas daquela escola. Aos 20 anos, com os mesmos companheiros, formou o chamado Grupo dos 8 e o Piquete da Tradição, criando em seguida o 35 Centro de Tradições Gaúchas, o pioneiro das entidades tradicionalistas gaúchas.

“Nos anos 40 era muito comum as pessoas saírem do interior para dar continuidade a seus estudos. Quando cheguei aqui, encontrei uma cidade cosmopolita e completamente desvinculada da área campestre. Porto Alegre era a capital rio-grandense, mas não era a capital gaúcha no seu sentido de cultura, porque seus habitantes viviam voltados para os grandes acontecimentos nacionais e internacionais. Me abalou profundamente perceber que os porto-alegrenses consideravam um atrevimento e uma demonstração de

primitivismo vestir botas e bombachas, usar lenço no pescoço e tomar chimarrão. Aquilo era visto como uma coisa de galpão, que não cabia nos ambientes sociais urbanos”, relembra o folclorista.

Grossuras – O jovem Paixão Côrtes foi estudar agronomia na UFRGS em 1951, dando sequência à tradição familiar. “Havia uma casa de estudantes no morro situado atrás da faculdade, onde fui morar. Ainda não existia televisão, e no rádio não havia programas regionais que enfocassem temas da agricultura ou da pecuária”, conta o agrônomo. Sobre seu jeito de cultuar as tradições aprendidas na vida campeira, ele revela: “Alguns de meus colegas também eram do interior e assimilavam melhor as minhas grossuras”.

Dos tempos de estudante, lembra com carinho do mestre Geraldo Veloso Nunes Vieira, professor da Faculdade de Agronomia e criador do Serviço de Ovinotecnia da Secretaria de Agricultura do RS. “A ele devo toda a minha atividade profissional. Eu ingressei na Secretaria ainda guri, servindo café-zinho, e pela mão dele pude fazer um curso de classificador de lã e depois uma especialização nessa área. Quando ele se aposentou, indicou-me para substituí-lo na chefia do Serviço de Ovinotecnia. Foi um mestre, de cujos ensinamentos recordei com grande satisfação”.

Paixão formou-se engenheiro agrônomo em 1954, mas atuava na área da ovinocultura como classificador de lãs desde muito antes. Ao concluir o curso, foi convidado a assumir a direção do Departamento de Classificação de Lãs da Secretaria da Agricultura, cargo que ocupou por 13 anos.

Em 1958, passou cinco meses visitando França, Alemanha e Portugal, levando a ovinocultura do Rio Grande do Sul. Retornou à Europa em 1964, trazendo de lá a ideia da criação de ovinos para a produção de carne. “Até então, só se valorizava a lã, da qual o nosso estado era o maior produtor. Hoje, temos butiques de carne ovina, mas naquele tempo as pessoas não tinham o hábito de consumir esse tipo de carne”.

Além das dezenas de livros sobre as tradições do Rio Grande, publicou várias obras sobre a ovinocultura. Mas não ficou só na teoria: quando queria ensinar um novo tipo de tosa, fazia ele mesmo a tosquia. “Hoje, vejo com satisfação que a ovinocultura progrediu e

sou muito feliz por ter exercido a minha profissão e feito dela o melhor que pude, sabendo que deixei minha contribuição para as futuras gerações”, conclui.

Casado com dona Marina, teve quatro filhos: Ana Regina, Carlos, Maria Zulema e Júlio, já falecido.

Herança cultural – Ao lembrar suas andanças pelo interior gaúcho, Paixão Côrtes fala de sua postura frente às tradições: “Acho que quando você se inspira em alguma coisa não é para consumi-la, e sim para eternizá-la. Meu trabalho de pesquisa da cultura e da tradição gaúchas foi até 1964, quando meu companheiro Barbosa Lessa mudou-se para São Paulo. Agora, estou organizando um livro em que resgato anotações, fotografias e gravações daquele período”. Ele diz que, enquanto trabalhava como técnico em ovinocultura, sempre surgia um gaiteiro, um cantor, um contador de histórias. Por isso, gosta de dizer que não inventou histórias, mas traduziu o que lhe contaram até onde foi possível.

Sobre os rumos do movimento tradicionalista, é cauteloso: “Hoje existe muita gente que acompanha a modernidade sem fazer disso um modismo ou consumismo imediato. Mas há aqueles que querem consumir a tradição e não cultuá-la”.

Além da alegria de ter sido escolhido como o patrono da 56.^a edição da Feira do Livro de Porto Alegre, Paixão Côrtes tem sua vida e obra editada em DVD. Em 30 de outubro, será lançado um documentário dirigido por Luzimar Stricher, que revela a grandeza do gaúcho símbolo do Rio Grande do Sul, eternizado na escultura O Laçador, de Antônio Caringi. O vídeo traz depoimentos do escritor Luis Antonio de Assis Brasil, do bibliófilo Waldemar Torres, do tradicionalista Edu João de Deus e do advogado Lauro Guimarães.

“Acho que quando
você se inspira em
alguma coisa
não é para
consumi-la, e sim
para eternizá-la”

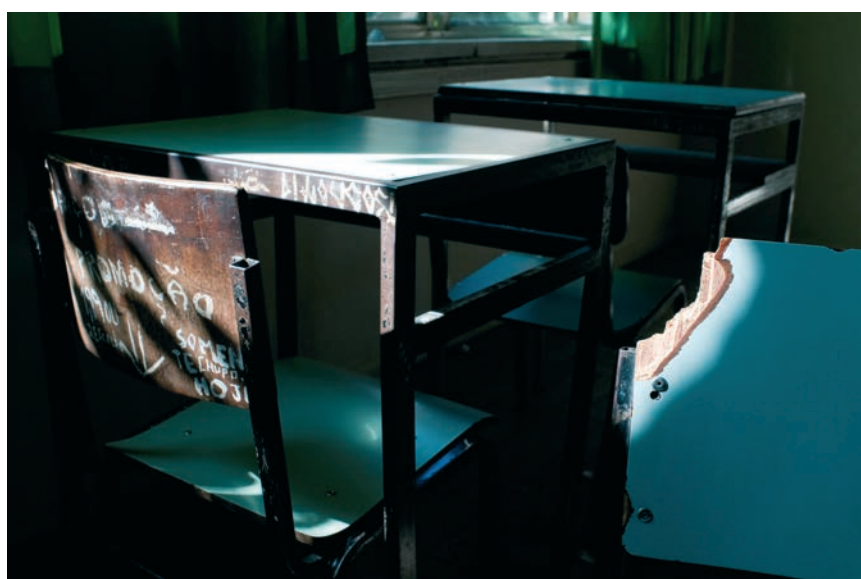


MARTINA MOISCH/JU



TEXTO FLÁVIO DUTRA
FOTOS MATEUS BRUXEL

O que o Enem não mostra



MATEUS BRUXEL É JORNALISTA E FOTÓGRAFO FORMADO PELA FABICO/UFRGS. TRABALHOU NO JORNAL DO COMÉRCIO E NO CORREIO DO POVO E HOJE ATUA COMO *FREE LANCER* PARA O JORNAL FOLHA DE S.PAULO. AS FOTOS DESTA PÁGINA SÃO PARTE DO ENSAIO QUE O FOTÓGRAFO DESENVOLVEU COMO EXIGÊNCIA DO JORNAL PARA PARTICIPAR DO SEU PROGRAMA DE *TRAINEES* EM FOTOJORNALISMO.

Segundo dados do MEC (apresentados na página 5 desta edição), o RS obteve a melhor média nacional no Enem 2009, tanto na classificação geral quanto na rede pública. Porém, esse dado não indica, necessariamente, que as escolas públicas do estado trabalhem sob boas condições. O Ensaio desta página foi feito na Escola Estadual Júlio de Castilhos, o Julinho, como é conhecida – uma das maiores instituições de ensino gaúchas, com 2.116 alunos e 141 professores. A escola já foi sinônimo de ensino público de qualidade, chegou a ter mais de 4 mil alunos e ajudou a formar personalidades importantes como Leonel Brizola, mas hoje é vítima do descaso com a educação pública. Falta de recursos fazem a escola firmar parcerias com entidades do terceiro setor como alternativa à carência de verbas. Além disso, o contingente reduzido de funcionários responsáveis por zelar pelo patrimônio não é páreo para o número de alunos que frequentam os três turnos de aulas. De acordo com a direção da instituição, a busca por limites e a sensação de liberdade por parte dos alunos por estarem em um colégio público também contribuem para a depreciação. Falta de professores, instalações e recursos talvez sejam explicações para que, em 2009, dos 374 alunos matriculados no 3.º ano, 160 não tenham se formado.

